

FIGURADO DE ESTREMOZ

Produção Património Imaterial da Humanidade

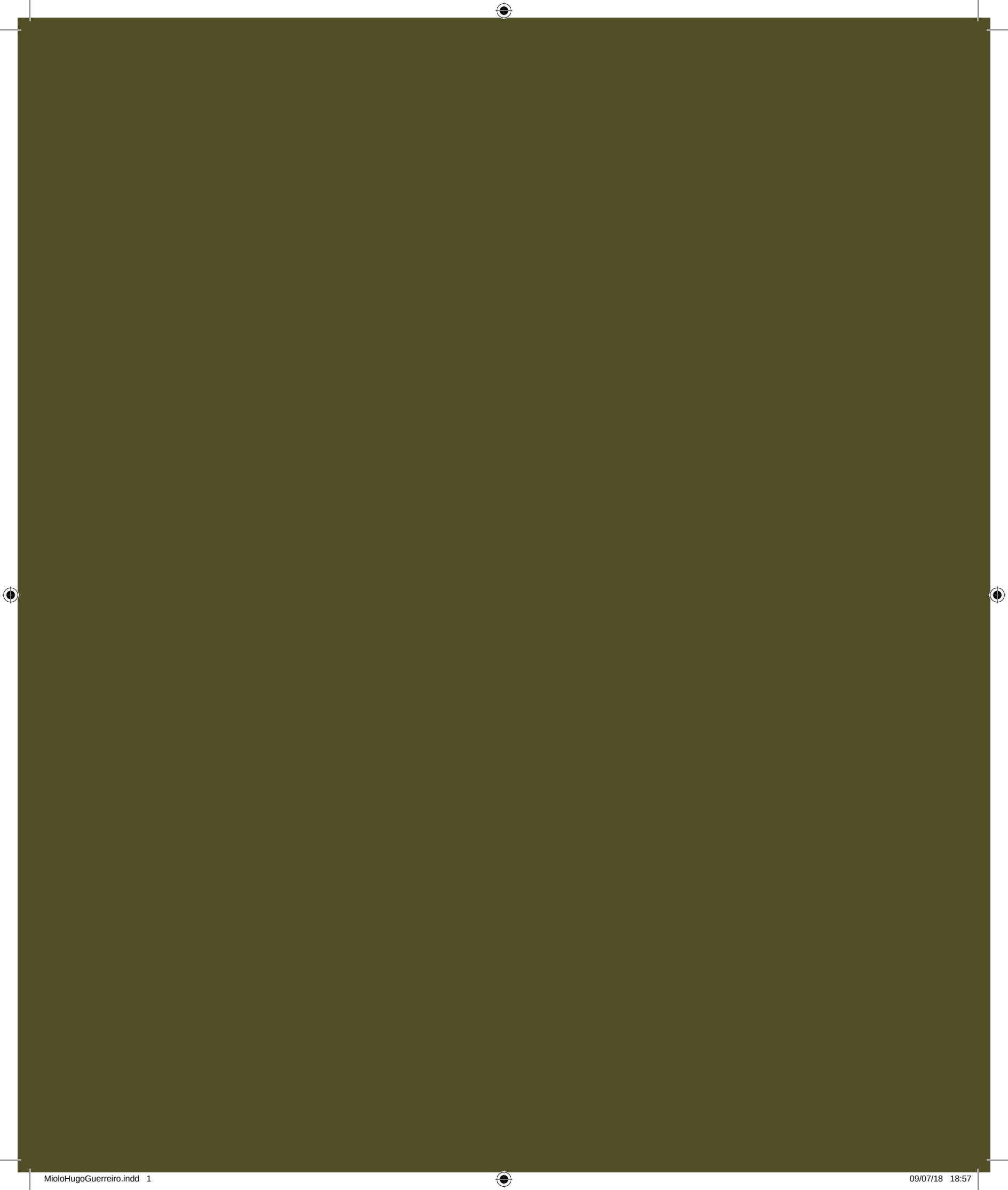
Hugo Guerreiro

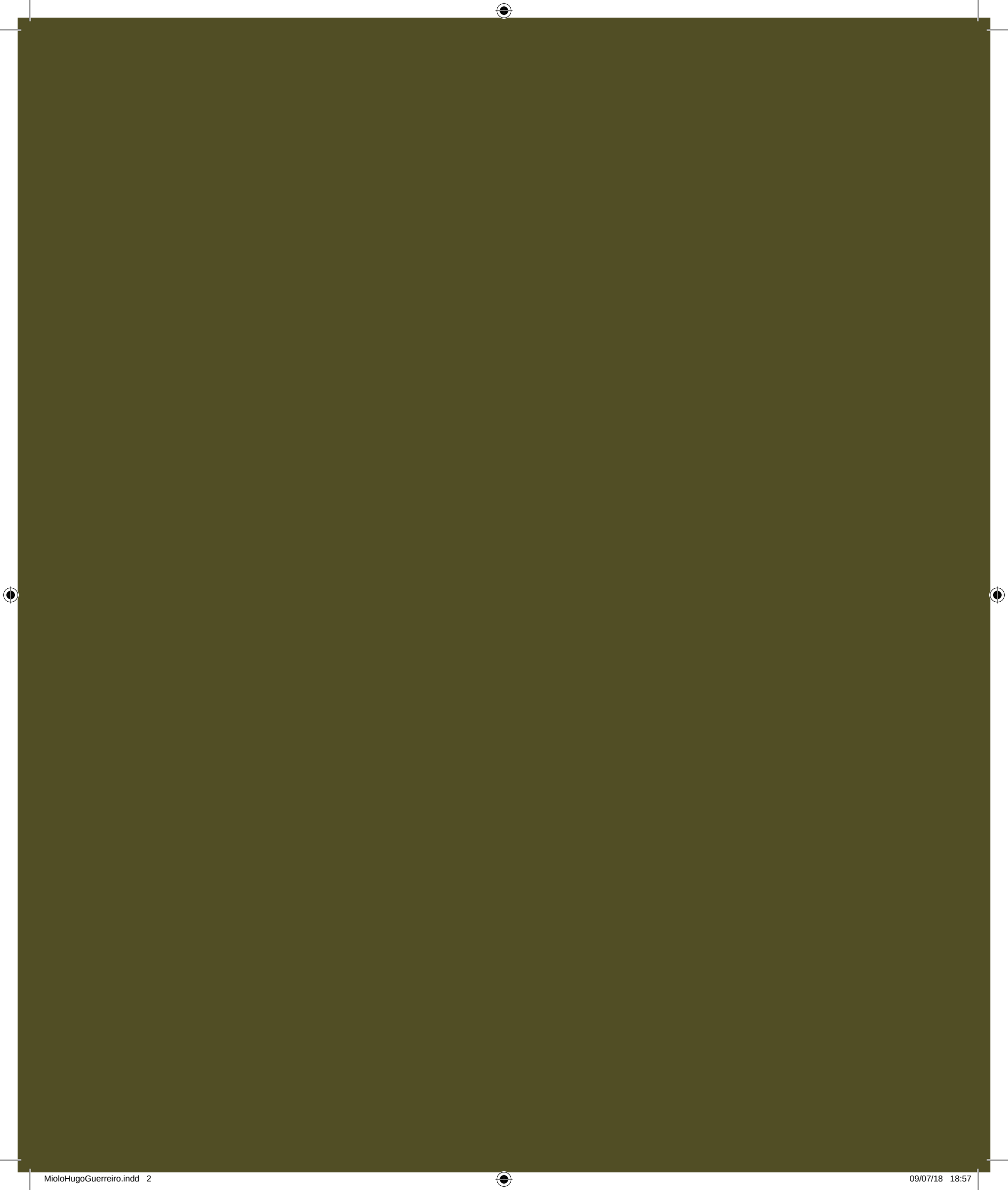


Hugo Guerreiro

FIGURADO DE ESTREMOZ
Produção Património Imaterial da Humanidade





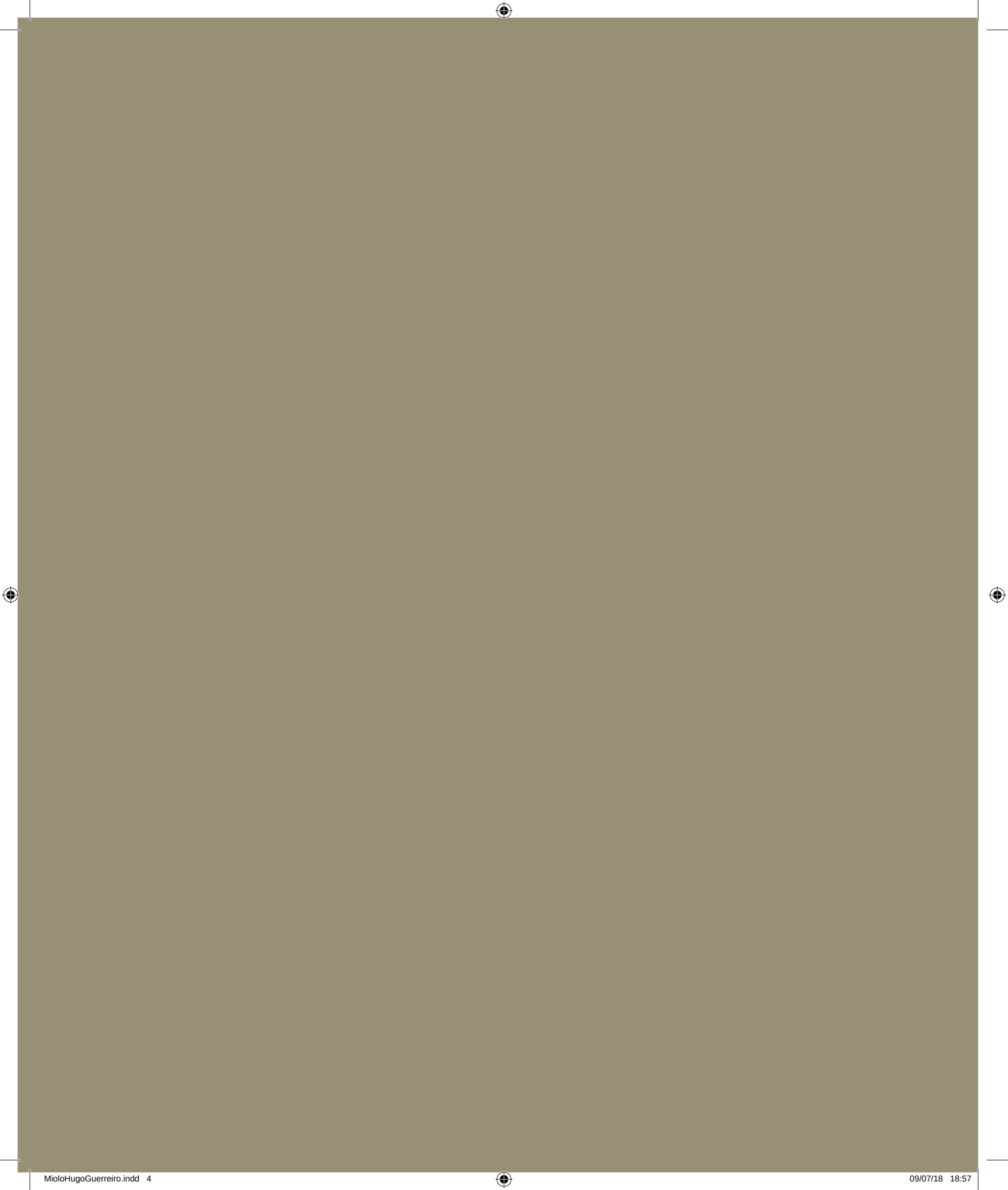


Hugo Guerreiro

FIGURADO DE ESTREMOZ

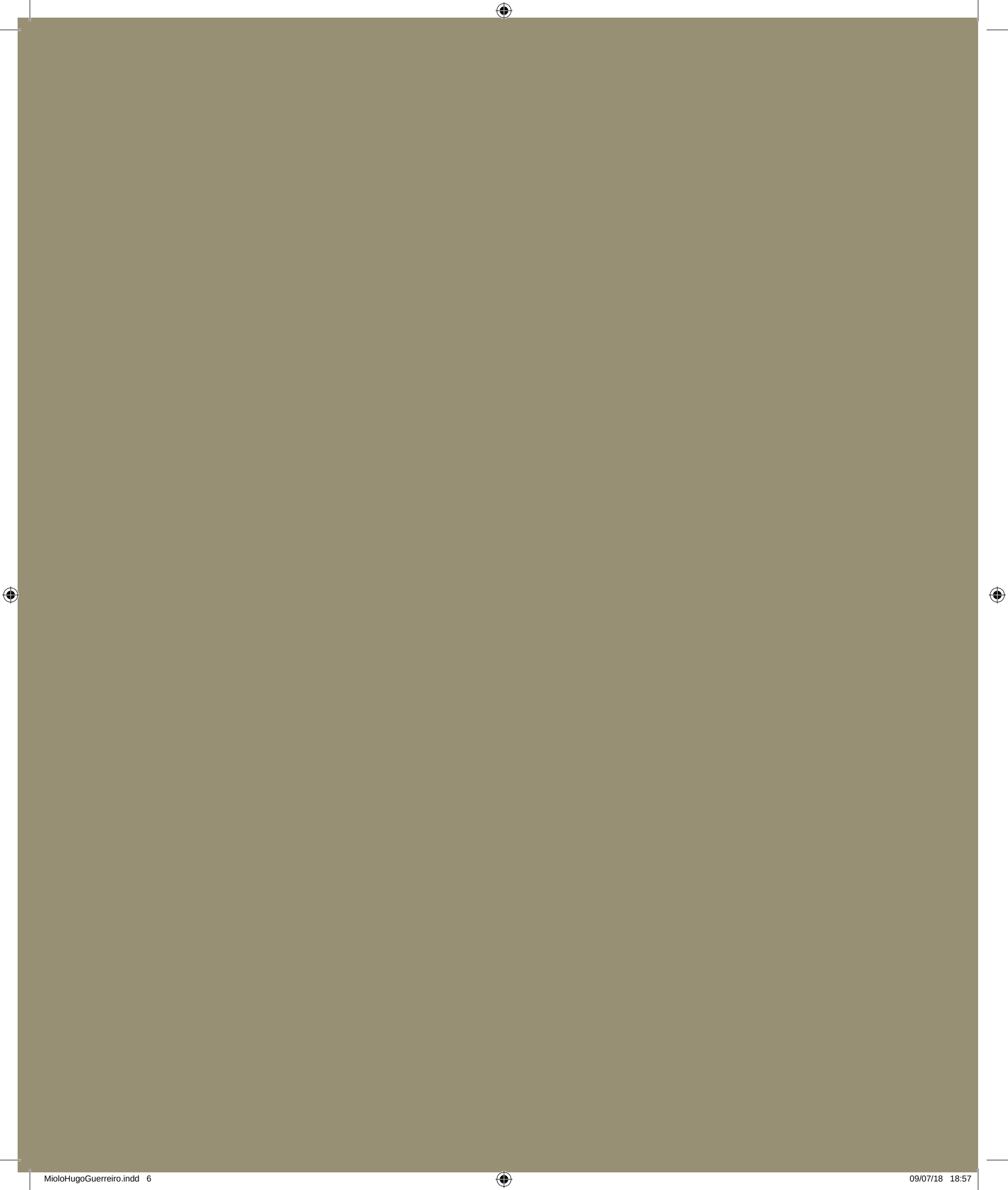
Produção Património Imaterial da Humanidade

 Edições
Afrontamento



Agradecimentos

A Deus, a quem tudo entreguei;
À Tuka, Henrique, Francisco, Graça e bebé, a quem amo;
A Joaquim Vermelho, a quem devo a paixão pelos Bonecos de Estremoz;
Ao Executivo da CME, pelo abraçar deste projeto de valorização e salvaguarda;
Aos colaboradores do Museu M. de Estremoz, pelo seu trabalho;
À Isabel Borda d'Água, pela dedicação;
Ao Armando Alves, pela amizade e ajuda na concretização deste livro;
Ao António Simões pela revisão do texto;
Aos barristas de Estremoz, por manterem vivo o Figurado.



ÍNDICE

9	Prefácio
13	Introdução
15	Da História
19	História
36	Da Identidade e Conceptualização
42	Do Núcleo Base do Figurado de Estremoz
103	Da Técnica e Estética
113	Dos Barristas do Passado e do Presente
120	Os Barristas do Presente
123	Marcas de Autor no Figurado de Estremoz
130	Sobre a Candidatura e Inscrição da Produção de Figurado em Barro de Estremoz na Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade – UNESCO
134	Conclusão
135	Bibliografia e Fontes

Abreviaturas

ADE: Arquivo Distrital de Évora
AHE: Arquivo Histórico de Estremoz
BME: Biblioteca Municipal de Estremoz
BPE: Biblioteca Pública de Évora
MME: Museu Municipal de Estremoz/Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho



Quando, em 2012, o Município de Estremoz deu início ao processo de candidatura da Produção de Figurado em Barro de Estremoz a Património Cultural Imaterial da Humanidade, muitos não acreditavam que seria possível esta classificação. Contudo, sempre continuámos a acreditar e, muitas vezes “remando contra a maré”, fomos seguindo o nosso caminho, devagar, sem pressas e sem atropelar ninguém, até à vitória final, a 7 de dezembro de 2017. Foi um processo longo e moroso, mas com um final delicioso e que a todos os estremocenses orgulha. Não há palavras que consigam descrever o sentimento daqueles que viveram, na primeira pessoa, os momentos antes, durante e após a classificação dos nossos Bonecos, na 12.ª Reunião do Comité Intergovernamental para Salvaguarda do Património Imaterial da UNESCO, que decorreu na Ilha de Jeju, na Coreia do Sul. Os nossos Bonecos de Estremoz eram agora Património da Humanidade. Estava reconhecida, mundialmente, a arte de saber modelar o barro à maneira de Estremoz.

Muitos ainda hoje se questionam sobre o que tem de tão especial esta arte estremocense, para merecer ser também património de toda a Humanidade?

Os Bonecos de Estremoz são a expressão máxima da identidade cultural das gentes alentejanas. Com efeito, estas pequenas figuras de barro, que estão ligadas ao povo estremocense há mais de três séculos, retratam usos, costumes, tradições e crenças das nossas gentes, recriando ambiências rurais e urbanas, que são partilhadas por várias comunidades em Portugal, mas também no Mundo inteiro.

Na decisão da UNESCO foi considerado que a candidatura reunia todas as condições para dar resposta aos cinco critérios necessários para que um bem seja inscrito na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade, sendo referido que a inscrição do Figurado em barro de Estremoz “promoverá o respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana em geral, uma vez que encoraja o entendimento mútuo entre as comunidades que partilham algumas das características e modos de vida retratados pelas figuras”.

Naturalmente que esta classificação só foi possível devido a um conjunto de fatores que se conjugaram para atingir o resultado que todos conhecemos. Será sempre de realçar que todo o processo de candidatura foi desenvolvido recorrendo apenas a recursos humanos, técnicos e financeiros do Município de Estremoz, deixando aqui uma palavra de agradecimento a todos os funcionários que contribuíram para o concretizar.

Quanto a apoios institucionais foram muito poucos. Ainda assim, devo destacar e agradecer o importante contributo da Direção Regional de Cultura do Alentejo e da Comissão Nacional da UNESCO, que nos ajudaram a melhorar a candidatura e que sempre acreditaram no potencial da candidatura.

Uma última palavra de agradecimento a todos os artesãos estremocenses, do passado e da atualidade, que desde o século XVII têm trabalhado o barro e, assim, permitido a perpetuação da arte. Como todos sabemos, nunca teria sido possível alcançar a classificação de Património da Humanidade sem o envolvimento de todos os artesãos

atuais, mas sobretudo se os artesãos do passado não tivessem dado origem e continuidade à produção de Bonecos de Estremoz.

Esta Monografia que aqui vos apresentamos, tem como objetivo dar a conhecer a Produção de Figurado em Barro de Estremoz, a sua História, os seus Artesãos, o seu modo de modelação e as características das figuras do núcleo tradicional, que são cerca de uma centena.

Como veremos, ao longo desta obra, esta não é uma arte imutável. A arte dos Bonecos de Estremoz recria-se, reinventa-se e produz todos os dias novas figuras, sempre respeitando as técnicas tradicionais e contribuindo para a salvaguarda deste património estremocense, que agora é também de toda a Humanidade!

Setembro de 2018

Luís Filipe Pereira Mourinha

Presidente da Câmara Municipal de Estremoz

Decerto é uma alegria ter nas mãos, contemplar, admirar qualquer dessas graciosas e caprichosas figurinhas que facilmente me atrevo a considerar os mais interessantes e gentis dos nossos bonecos populares.

José Régio 1964

INTRODUÇÃO

Impunha-se desde há vários anos uma nova obra sobre o Figurado de Estremoz. Depois da publicação por Joaquim Vermelho do livro *“Barros de Estremoz”* em 1990, uma obra de assinalável sucesso na divulgação das artes do barro desta cidade, uma série de investigações trouxeram à luz um conjunto bastante relevante de novos dados que permitem uma olhar mais esclarecido e fundamentado sobre esta arte.

O livro que agora apresentamos ao leitor, *“Figurado de Estremoz”*, pretende então fazer uma compilação da investigação já efetuada, mas também dar uma nova perspectiva sobre o Boneco de Estremoz, de modo a que curiosos, colecionadores e estudiosos aqui encontrem uma informação satisfatória para o que procuram.

De sublinhar que uma parte dos dados que apresentamos foram já publicados on-line no *“Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial”*. Estes são o resultado do trabalho realizado no âmbito do *“Plano de Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz”* (desde 2012), o qual teve como objetivo a inserção da *“Produção de Figurado em Barro de Estremoz”* na *“Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade”* (UNESCO), o que aconteceu a 07 de Dezembro de 2017. A restante informação resulta de investigação adicional, mas também de reflexão renovada sobre o conhecimento já existente.

O livro divide-se então nos seguintes grandes capítulos:

- 1 - Da História
- 2 - Da Identidade e Conceptualização
- 3 - Núcleo Base do Figurado de Estremoz
- 4 - Da Técnica e Estética
- 5 - Dos Barristas do Passado e do Presente
- 6 - Marcas de Autor no Figurado de Estremoz
- 7 - Sobre a Candidatura e Inscrição da Produção de Figurado em Barro de Estremoz na Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade - UNESCO

Sumariamente, no primeiro será abordada a história do Figurado. Iniciamos este capítulo com a súpula histórica relativa à construção da história sobre esta arte. De seguida é tratada a história do Boneco, desde o achado arqueológico do séc. XVII de um fragmento aos nossos dias. No segundo capítulo faremos a conceptualização deste património, a sua localização no espaço geográfico e vamos tratar de analisar algumas questões identitárias que o marcam.

De seguida, será dada a conhecer a riqueza da diversidade das tipologias e temáticas das Figuras, apresentando-se igualmente o núcleo fundamental do Figurado de Estremoz. Depois, tratar-se-ão das questões técnicas associadas à modelação e das matérias-primas usadas na sua produção.

O capítulo posterior é inteiramente dedicado aos produtores. Neste apresenta-se uma breve história de cada um dos artesãos que trabalham ou trabalharam na arte.

De modo a auxiliar o reconhecimento e datação do Figurado, segue-se um capítulo relativo às marcas de autor, no qual fazemos a sua correspondência a cada um barristas.

Por fim, o último capítulo trata da Candidatura a Património Cultural Imaterial da UNESCO da Produção de Figurado em Barro de Estremoz. Neste apresentamos todas as fases do processo que conduziu à candidatura à UNESCO, bem como o Plano de Salvaguarda que irá ser implementado, do qual aliás, esta obra faz parte.



DA HISTÓRIA

História da história do Figurado de Estremoz

Sendo esta tipologia de Figurado de cariz popular, realizada maioritariamente por mulheres anónimas e parcamente valorizada, somente na centúria passada assistimos a uma preocupação séria em recuperar a história da tradição, ou em descrever a arte. Esta vontade em dar a conhecer o Figurado local passou essencialmente numa primeira fase (1916-1925), pela publicação de pequenos trabalhos pelos chamados etnógrafos da República, quer em bibliografia própria, quer em artigos inseridos em revistas de especialidade, jornais ou obras sobre arte popular. Numa época em que a antropologia lusa se começa a interessar pela arte popular em termos da cultura material, de forma entusiasta, o Figurado de Estremoz é visto como um importante legado a estudar.

Numa segunda fase (1935-1975), a construção do conhecimento passa pela realização de exposições temporárias e depois permanentes, que sistematizam e classificam as Figuras de Estremoz e continua também a produção de alguma bibliografia. Depois, numa terceira fase (1990-2014), assistimos à produção de trabalhos de maior enfoque histórico e etnográfico, onde se buscam as raízes da arte e da sua técnica.

Relativamente à primeira fase, verifica-se que esta abarca então os primeiros trabalhos de relevo sobre



Entrada da Escola Industrial António Augusto Gonçalves (antiga Escola de Artes e Ofícios de Estremoz).

o Figurado de Estremoz, realizados pelos etnógrafos Sebastião Pessanha¹ e Luís Chaves². Destaca-se, pelo seu contributo, Luis Chaves. De entre um número considerável de trabalhos publicados, entendemos como os mais relevantes para história e conhecimento da arte e artífices, aqueles que foram redigidos nos anos pré ressurgimento do Figurado pela Escola Industrial (1935)³.

Estes trabalhos chamaram a atenção sobre uma forma de artesanato em fase de desaparecimento, e foram o primeiro contributo importante em termos de estudo da produção do Boneco de Estremoz. O enfoque foi dado à última artífice a trabalhar ainda na tradição, Gertrudes Rosa Marques (1840⁴-1921).

Quanto à segunda fase na produção de conhecimento sobre o Figurado local, esta tem início em

1 PESSANHA, D. Sebastião, 1916, "Bonecos de Extremoz" in *Revista Terra Portuguesa - Revista Ilustrada de Arqueologia Artística e Etnografia*, Lisboa, 1ª Série, Ano 1, n.º 4, pp. 105-109.

2 CHAVES, Luís, 1916, "Os barristas de Estremoz - séculos XVIII-XX - Imagens e Bonecos", in *Terra Nossa: Mensário de Inquérito à vida alentejana*, Lisboa, Separata, Maio 1916, n.º 1.

3 CHAVES 1916. CHAVES, Luís, 1917, *Arte popular do Alentejo- Os ganchos de meia de barro d'Estremoz*, Porto, in *Separata da Águia*, n.º 67-68. CHAVES, Luís, 1925, "A genealogia dos Santeiros de Extremós", in *Os barristas portugueses: nas escolas e no povo*, Coimbra, Impres. da Universidade, pp. 78 e 96. CHAVES, Luís, 1933, *Arte popular do Alentejo - Etnografia Artística - Os barristas de Estremoz, a oficina e a técnica*, Porto, PO, VI, pp. 187-189.

4 Dado gentilmente cedido pelo Prof. Hernâni Matos.



Júlio Maria dos Reis Pereira, na última visita ao Museu Municipal de Estremoz, 1982, fotografia de José Alberto Reis Pereira.

1935, após o ressurgimento deste artesanato por ação da Escola Industrial. Caracteriza-se pela atividade expositiva no estrangeiro e em Portugal, e teve a mais valia de divulgar o Figurado, contribuindo decisivamente para o seu ressurgimento. De destacar o papel do Secretariado de Informação Nacional (SNI), o qual, certamente por iniciativa de Luis Chaves, o principal estudioso na época do Figurado de Estremoz, teve uma ação muito importante na promoção da arte. Foram iniciativas deste serviço as exposições “Quinzena de Arte Popular Portuguesa” em Genebra (Galeria Moos, 1935), Exposição de Arte Popular Portuguesa (Lisboa - 1936), Exposição Internacional de Paris – Pavilhão Português (1937) e finalmente na Exposição do Mundo Português (1940)⁵. Da exposição de 1936 em Lisboa, resultou um catálogo⁶, no qual Luis Chaves em nada aprofunda o conhecimento já existente, limitando-se, muito ao modo do SNI, a descrever as belezas da arte.

Nesta segunda fase incluímos também a grande exposição de 1962 de Figurado em Barro da região de Estremoz e Portalegre – “*Barristas do Alentejo*” - realizada de 24 de Junho a 15 de Julho no

5 CHAVES, Luís, MARTHA, Cardoso, “Algumas Opiniões da Imprensa Suíça”, in *Catálogo da Exposição de Arte Popular Portuguesa*, 1936, Lisboa, SNI, sp. ABELHO, Azinhal, 1936, *Um Artista - Sá Lemos*, in “*Brados do Alentejo*”, Estremoz, Tipographia Brados do Alentejo, n.º 268, 15 de Março de 1936, pp. 5.

6 CHAVES e MARTHA 1936.



Primeira coleção de Figurado do Museu Municipal, então núcleo da Biblioteca Popular de Estremoz, nos anos 20 do século XX.

Palácio D. Manuel, em Évora. Apesar de não ser uma mostra apenas de Figurado em Barro de Estremoz, esta é um momento fundamental de afirmação identitária, bem como de diferenciação e identificação do Figurado de Estremoz de artes semelhantes no contexto regional e nacional. Assim, nesta exposição está explanado todo o conhecimento adquirido por Júlio Maria dos Reis Pereira no seu percurso como colecionador de Figurado de Barro de Estremoz, onde mais do que buscar as raízes documentalmente fundamentadas, vai procurá-las nas Figuras do séc. XVIII e XIX que juntou. Na referida exposição observam-se já as Figuras que farão parte da grande venda à Câmara Municipal de Estremoz, realizada por Reis Pereira em 1971. É esta coleção que vai depois servir de base quer a Joaquim Vermelho, quer a Rafael Calado, a Hugo Guerreiro e Hernâni Matos, para artigos e conferências sobre a temática do figurado estremocense em barro.

Em termos de formação neste período de exposições permanentes, para além da coleção Reis Pereira no Museu Municipal de Estremoz, podemos indicar como particularmente importantes a do Museu Rural de 1948 (Figuras de Mariano da Conceição e depois de Sabina Santos e Aclénia) e a do Museu de Arte Popular no mesmo ano (Figuras modeladas por Ti Ana das Peles).



Joaquim José Vermelho, diretor do Museu Municipal de Estremoz (anos 80 a 2002). Foto Arquivo Biblioteca Municipal de Estremoz.

Quanto a bibliografia relevante, publicada nesta fase, salientam-se os trabalhos produzidos por Azinhal Abelho⁷ e Solange Parvaux⁸.

Em Azinhal Abelho faz-se a apologia das Figuras, disserta-se sobre a origem de algumas peças e descreve-se a história recente das mesmas, nomeadamente sobre o seu ressurgimento e importância de algumas personalidades para que tal sucedesse. Explana-se também o modo como se modela, de modo a fixar como nasce uma Figura. Depois temos o trabalho de Solange Parvaux, o primeiro que aborda de uma perspectiva antropológica a arte barrística, descrevendo as Figuras, sua história, artífices, métodos, espaço de trabalho, preços, mercados, entre outros dados.

Por fim, segue-se a terceira fase na área da produção de conhecimento, a qual tem início com a publicação em 1990 da grande obra escrita de Joaquim Vermelho, intitulada *“Barros de Estremoz”*⁹. Nesta procura fazer a história da arte, evoca as/os artífices e descreve a técnica, procurando também as origens dos diversos modelos que compõem a tradição. O patrono do Museu e seu anti-

go Diretor carismático, grande divulgador da arte bonequeira, para além de diversas publicações¹⁰ e conferências, realizou ainda um considerável número de exposições, de finais da década de 70 até 2002, sobre as figuras e artífices desta arte, confrontando saberes e dirigindo o gosto dos barristas num eterno retorno ao fundamental – a tradição. Entretanto, nas últimas duas décadas, o atual responsável do Museu Municipal (desde 2002) tem iniciado um processo de investigação de antigas fontes no Arquivo Histórico local, mas também de análise das Figuras e conversas com as barristas estremocenses, que têm resultado em conferências, exposições e alguns artigos publicados¹¹.

10 VERMELHO, Joaquim, 2000, “Olaria e Barrística de Estremoz” in *Artesanato da Região do Alentejo*, Évora, Instituto de Emprego e Formação Profissional, pág. pp. 105-107, 114-125, 149-152. VERMELHO, Joaquim, 2001, “O Culto no Figurado de Estremoz”, in *CULTUS. O Mistério e o Maravilhoso nos Artefactos Portugueses*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade – Instituto de Emprego e Formação Profissional, pp. 25-29. VERMELHO, Joaquim, 2005, *Sobre as cerâmicas de Estremoz*, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Estremoz. VERMELHO, Joaquim, 2010, “O Figurado de Estremoz” in *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Barcelos, Câmara Municipal de Barcelos, 2.ª Série, n.º 4, pág. pp. 56-66.

11 MME: [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Barrística de Célia Freitas e Miguel Gomes*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz. [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Irmãs Flores: Barrística e Faiança de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz. [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Barrística de Isabel Pires*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz. [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Maria Luísa Conceição Barrística de Estremoz*, Estremoz, Câmara Muni-

7 ABELHO, Azinhal, 1955, “Memorial dos barros de Estremoz”, in *Mensário da Casa do Povo*, Lisboa, n.º 104, Fevereiro 1955. ABELHO, Azinhal, 1964, “Barros de Estremoz”, Lisboa, Edições Panorama.

8 PARVAUX, Solange 1968, *La Céramique Populaire du Haut - Alentejo*, Paris, Presses Universitaires de France, pp. 164-170.

9 VERMELHO, Joaquim, 1990, *Barros de Estremoz*, sl, Limiar.

Estes trabalhos, para além da preocupação em torno da autoria das Figuras e de proporcionar ferramentas para a correta identificação das peças nos diversos museus que os têm nas suas coleções, trouxeram também dados novos de grande relevância, como por exemplo o facto de a barrística nos primeiros séculos de existência ser um trabalho essencialmente de artífices femininas.

Ainda na terceira e última fase na historiografia e construção de conhecimento sobre o Figurado de Estremoz, foram produzidas uma dissertação de licenciatura¹² e uma de mestrado¹³.

pal de Estremoz. [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Mário Lagartinho Olaria de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz. [GUERREIRO, Hugo], 2004, *Quirina Marmelo: Barrística de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz. [GUERREIRO, Hugo], 2011, *Estremoz e os seus Bonecos: figurado em cerâmica de Duarte Catela*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz. GUERREIRO, Hugo, 2012, "Breve alusão à mulher no figurado de Estremoz", in *Os meus "bonecos"*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, sp. GUERREIRO, Hugo, 2012, "Bonecos de Estremoz Marcas de Autor da Família Alfacinha 1934-2012", in *Cadernos de Estremoz*, Estremoz, Câmara Municipal de Estremoz, n.º 3.

12 BME: BORRALHO, Álvaro António Gancho, 1993, *As Artes do Barro. Contribuição para o estudo dos Bonecos de Estremoz*, Dissertação de Tese de Licenciatura em Sociologia vertente de Sociologia da Cultura. ISCTE, Lisboa. [fotocópia]

13 BME: MATEUS, Ana Maria Baptista Costa, 2008, *Bonecos de Estremoz objectos de identidade patrimonial*, Dissertação de Tese de Mestrado em Design de Teoria da Cultura Visual, Instituto de Artes Visuais Design e Marketing, Lisboa.

O trabalho de Álvaro Borralho é o primeiro efectuado no âmbito da sociologia sobre o Figurado em Barro de Estremoz, e trata de descrever e fazer uma análise sumária dos circuitos de produção, comercialização e difusão da década de 70 ao início da de 90 do século XX.

A tese de mestrado é um trabalho descritivo sobre os modelos, técnicas, matérias-primas e artesãos em atividade.

Entretanto foram publicados outros estudos e trabalhos importantes para a construção do saber nesta área, de autores como Perdigão¹⁴, Rafael Calado¹⁵ e Hernâni Matos¹⁶.

Nos dois primeiros há uma descrição dos artífices e do estado da arte naquele preciso ano, tendo os trabalhos de Hernâni Matos um especial enfoque na recuperação de dados históricos e etnográficos os quais permitem um novo olhar sobre a tradição. Este colecionador-autor tem ainda um blogue:

14 PERDIGÃO, Teresa, 2003, *Tesouros do Artesanato Português: Olaria e cerâmica*, Lisboa, Verbo, n.º 3, pp. 142-157.

15 CALADO, Rafael Salinas, 2005, "O Figurado Conhecido por Bonecos de Estremoz", in *Figurado Português de Santos e Diabos está o Mundo Cheio*, Porto, CMM, pp. 155-177.

16 MATOS, Hernâni, 2010, *Presépio de Trono ou de Altar*, Folheto Edição do autor, Estremoz. MATOS, Hernâni, 2013, *José Maria de Sá Lemos e o esforço de revitalização dos bonecos de Estremoz*, Edição do autor, Estremoz, sp. MATOS, Hernâni, 2013, *Terrina de Estremoz*, Folheto Edição do autor, Estremoz.

<http://dotempodaoutrasenhora.blogspot.pt>, sitio onde tem vindo a publicar pequenos apontamentos sobre a arte bonequeira, artífices e algumas “descobertas” de documentos particularmente revelantes para a construção da história deste figurado a partir da Escola Industrial até hoje. Através destes contributos temos um conhecimento mais profundo da história do Figurado de Estremoz, mas também dos seus fatores identitários.

HISTÓRIA

Das Origens e primeira produção (século XVII a 1750)

Apesar de todos estes contributos em termos de construção do conhecimento, continuam a não haver dados concretos que sustentem um século preciso para o surgimento desta originalidade plástica, a que chamamos Figurado ou Boneco de Estremoz. Em 1718¹⁷ e 1726¹⁸ já há bibliografia que explicitamente refere a produção desta arte e de 1770 há mesmo uma Ata de Vereação¹⁹ que menciona a existência de umas *boniqueiras* que modelam Figuras e brincos de barro. Porém, o registo mais antigo é um vestígio arqueológico do século XVII, mais concretamente um fragmento de um *Menino Jesus*²⁰. Dado isto, mas também em virtude das Figuras de devoção mais antigas serem claramente barrocas, seiscentos será a centúria mais que provável para o início desta arte.

17 “(...) seus barros (...) conservão artificiosas formas & engraçadas figuras.” in SANTA MARIA, Frei Agostinho, 1718, Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de N. Senhora, Lisboa Occidental, Officina de António Pedrozo Galram, vol. 6, pp. 146.

18 “(...) não só se fazem pucaros (...) mas também figuras e brincos (...)” in HENRIQUES, Francisco da Fonseca, 1726, Aquilégio Medicinal, Lisboa Occidental, Officina da Musica, pp. 208.

19 “(...) para complemento das figuras e mais coriozidades que costumão fazer. “Ata da sessão de 10 de Novembro de 1770”, fl 86.

20 Escavações realizadas em Estremoz, por Marco Liberato e Helena Santos em 2006.



Fragmento de Menino Jesus de Santo António, Oficinas de Estremoz, século XVII, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho, fotografia de Rita Laranjo.

Interessante é o facto de os primeiros artesãos não serem os famosos oleiros, como na historiografia durante muito tempo se afirmou. Tudo indica que maioritariamente as oficinas seriam constituídas por mulheres²¹, as quais contudo não tinham a sua atividade profissional constituída e reconhecida como ofício de pleno direito (enquanto corporação), tal era a condição feminina na época.

Ligados aos barros de Estremoz existiam ofícios de pleno direito, que não o de bonequeiras, como os oleiros de barro fino, oleiros de barro grosso, telheiros e poteiros²². Estas profissões eram lideradas por Mestres do sexo masculino, com o contributo feminino a fixar-se na área da decoração e acabamentos. Contudo, mesmo assim, não podemos excluir totalmente a existência de elementos do sexo masculino no contexto produtivo do Figurado, inclusivamente com funções de oleiro, como podemos potencialmente aferir de dois passaportes passados pela Comarca de Estremoz em 1779:

[12 de Junho de 1779] (...) *"a Joze Lobo da | Cozta, Pintor da Fabrica de Lou-|sa fina²³ d'esta Villa, Solteiro | por seis mezes para andar pelas | feiras*

²¹ *Idem*.

²² Livro das Taxas dos Ofícios [de Estremoz], 1675-1732.

²³ Provavelmente produziria Figuras e seria tarefeiro na Fábrica de Loiça Fina de Estremoz, preferindo ser reconhecido por pintor porque socialmente seria mais prestigiante.

d'estes Reinos a vender corio-|zidades²⁴ que faz de barro. Legiti-|mouse com Felipe Manuel Aguar-|denteiro morador d'esta Villa.²⁵

"Aos vinte e seis [de Junho de 1779] a José Lopes, Oleiro²⁶, natural d'esta Villa, cazado, por um ano, para andar pelas terras d'estes Reinos, umas vezes com as suas coriozidades, outras a negocio.²⁷"

Entendemos através das peças mais antigas existentes nas coleções do Museu Municipal de Estremoz, que o Figurado de Estremoz terá surgido por manifesta necessidade das almas, ou seja, os estremocenses com menos recursos queriam ter em casa uma imagem da sua devoção para lhe prestar culto. Sendo as esculturas em madeira muito dispendiosas, e por isso mesmo de aquisição difícil para o povo, e sendo o barro uma matéria-prima abundante na região e de fácil modelação, depressa houve quem se aventurasse na área da Imaginária para satisfazer a necessidade espiritual

²⁴ "coriozidades" será, muito provavelmente, uma referência a Figurado, como se pode aqui verificar: "Ata da sessão de 10 de Novembro de 1770", fl 86.

²⁵ Livro de Registo de Passaportes, 17 de Junho de 1774 a 23 de Janeiro de 1805, fólio 99.

²⁶ Penso que "Oleiro" seja uma referência genérica à profissão de quem "mexia" no barro e não propriamente um oleiro que fizesse loiça, dado que este vai à feira vender "coriozidades" e não olaria de barro grosso ou fino.

²⁷ Livro de Registo de Passaportes, 17 de Junho de 1774 a 23 de Janeiro de 1805, fólio 116v.



Nossa Senhora da Conceição, Oficinas de Estremoz, século XVIII, coleção Júlio Maria dos Reis Pereira – Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.



Santo António, Oficinas de Estremoz, século XVIII, coleção Júlio Maria dos Reis Pereira – Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

da clientela. Daí que as primeiras Figuras conhecidas sejam as de Santos de forte implantação devocional na região, como o “*Santo António*”, “*São João Baptista*”, a “*Nossa Senhora da Conceição*” ou a “*Nossa Senhora com o Menino*”. Estas são modelos com uma clara feição popular, resultado das barristas serem mulheres sem qualquer tipo de educação erudita, tendo somente uma “formação” feita pela relação mestre-aprendiz e pela experiência pessoal (observação).

Período áureo (1750-1807)

Consideramos o período áureo da produção de Figurado de Estremoz, aquele em que se opera uma autêntica revolução pela renovação que proporcionou, mas também pelo aumento das temáticas confeccionadas: a produção do “*Presépio*”. Assim decurso da segunda metade do séc. XVIII, após a reforma da arte presepista proporcionada pela chamada Escola de Mafra, em Estremoz assiste-se ao incremento de temáticas no Figurado²⁸, dadas as necessidades várias em termos de composição de cenas profanas ao redor do Nascimento de Cristo. A inspiração dos barristas terá vindo dos

²⁸ Continuando forte a antiga produção de Figurado de devoção.

presépios ligados aos autores desta Escola de Mafra (estes por sua vez influenciados pela presépios da escola napolitana), dos quais existiam exemplares em casas particulares de famílias abastadas nobres e burguesas, mas também nos Conventos locais.

A adaptação ao gosto local e à especificidade estremocense, foi motivada certamente pelas encomendas. Os clientes devotos e com menos recursos, queriam também em sua casa presépios dentro do espírito da época, e os barristas depressa adaptaram a sua produção às encomendas, replicando, na medida das suas capacidades técnicas, o que viam, conheciam e lhes era descrito. Daí que se assiste claramente a uma tentativa de aproximação aos modelos eruditos, sendo-lhes contudo aplicadas as regras locais de modelação e representação.

Exemplo disto são as “*Maquinetas*” com a representação da Sagrada Família e algumas Figuras de temas rurais locais, enfeitadas com conchinhas, figurinhas de cera, resinas, papéis recortados e missangas, colocadas ao gosto popular dentro de umas simples caixas de madeira ou cartão, com forma quadrada ou retangular. Estas são claramente uma adaptação local de “*Maquinetas*” requintadas conventuais, estas últimas inspiradas nas “*Grottes*” ou “*Chapelles*” francesas, as quais eram principalmente decoradas com *joias do mar* (conchas).



Santa Luzia, Oficinas de Estremoz, século XVIII/XIX, Igreja Paroquial de São Lourenço de Mamporcão



Presépio (tipo maquineta), Oficinas de Estremoz, século XVIII/XIX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho

Os barristas também modelavam peças para presépios de maiores dimensões, os quais eram montados em mesas num cenário criado pelas famílias, sendo também estes uma adaptação local dos presépios do ciclo Machado Castro. A estes iam sendo acrescentadas peças de acordo com os desejos do proprietário, o que resultava em novas Figuras. Será então este o motivo último para a prodigiosa multiplicidade de Bonecos associados ao “Presépio”.

De salientar que as diversas cenas, tipos, trajes, e ações representadas em torno do *Presépio* de Estremoz, resultam em grande medida da observação direta dos barristas, ou seja, estes modelavam Figuras existentes na região onde habitavam. É importante sublinhar que à época as mulheres estavam completamente confinadas a esta zona geográfica, e limitadas a uma área não maior que 50 Km², pelo que pouco mais conheciam que a realidade local, logo não poderiam modelar Figuras e temáticas que estivessem fora do seu âmbito geográfico. De fora poderiam buscar inspiração quando tinham contato com companhias de Teatro popular, pinturas e esculturas ao culto, estampas com representações mais ou menos eruditas e pouco mais. Entende-se assim, portanto, o predomínio de Figuras de inspiração local/regional. Estas novas Figuras no decurso do século XIX foram tomando o seu lugar muito próprio no contexto

do Figurado estremocense, sendo hoje Bonecos independentes da temática donde foram criadas. Lembramos o caso dos “Pastores” (a dormir, a comer açorda, com borrego às costas...) e das “Mulheres” em diversas actividades domésticas. Figuras que faziam parte do cenário montado no “Presépio” e hoje são peças que existem *per si*.

Neste período áureo englobamos a inovação que decorreu entre o final do século XVIII e o primeiro quartel do século XIX. Neste período verifica-se a inclusão nas temáticas do Figurado, de modelos profanos (simbólicos, funcionais e satíricos) de grande qualidade plástica, em nada associados aos Presépios ou à tradição devocional. Observe-se os casos da “Primavera”, “Amor é Cego”, “Xéxé” ou “Músicos Paliteiros”. Parte destes Bonecos começam a ter uma componente funcional, nomeadamente como suporte de palitos: “Primaveras” (par), “Músicos Paliteiros”, “Reis Negros” (par) e “Napoleão”; ou como suporte de velas para devoção particular: “Rei Negro”, “Preto Florista” e provavelmente a “Primavera do Toucado”; ou como brinquedos: “Assobios/Apitos” com Figurado antropomórfico ou zoomórfico; ou para cozer: “Pregadeiras/Ganchos de Meia” com Figurado antropomórfico e outros.



Primavera do Toucado, Oficinas de Estremoz, século XIX, coleção Júlio Maria dos Reis Pereira – Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.



Rei Negro (Par), Oficinas de Estremoz, século XIX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

Decadência (1807-1935)

O século XIX é um período cronológico particularmente conturbado em Portugal, em termos políticos, sociais, económicos e financeiros. Recorde-mos os eventos que mais contribuíram para esta instabilidade: “*Guerra Peninsular*” (1807-1814)²⁹, “*Tratado de Comércio e Navegação com a Inglaterra*” (1810)³⁰, “*Independência do Brasil*” (1822)³¹, “*Guerra Civil*” (1828-34)³², “*expulsão das Ordens re-*

29 Estremoz esteve ocupada pelos franceses, que destruíram por completo o recheio dos Armazéns de Guerra e procuraram rebentar com o Castelo com recurso a barris de pólvora. Depois esteve ocupada por regimentos ingleses e espanhóis entre 1809 e 1811, que saquearam o que puderam dos Conventos estremocenses onde estiveram aquartelados ou com os seus doentes e feridos a serem tratados. in “Mandados de pagamento ao tesoureiro”, 1756 a 1810.

30 Particularmente ruinoso para a burguesia portuguesa, que perdeu privilégios, mas também para oficinas e indústria a qual viu os territórios sob dependência nacional a ser autenticamente invadidos por produtos de baixo custo ingleses.

31 Perca de um espaço privilegiado de recepção dos produtos nacionais, e, não podemos descartar a ideia, da produção de olaria e Figurado de Estremoz.

32 Dividiu a sociedade e arruinou-a por completo pelas dívidas de guerra. Recordamos também um episódio local, o Crime dos Armazéns onde o povo absolutista chacinou os presos liberais que estavam encarcerados nos antigos Armazéns de Guerra de Estremoz, sitos na atual Pousada Rainha Santa Isabel. in LIMA, Henrique de Campos Ferreira 1943, “*Horrosa Mortandade*”, in *Brados do Alentejo*, Estremoz, Tipographia dos Brados do Alentejo, n.º 628, 31 de Janeiro de 1943, pp. 7.

ligiosas” (1834), “*Patuleia*” (1847), “*Regeneração*” (1851)³³, “*Ultimatum britânico*” (1890), “*Revolta de 31 de Janeiro de 1891*”, entre outros de menor relevância.

Obviamente que o tecido social e económico de então vila de Estremoz, sofreu com estas perturbações, as quais afetaram profundamente a sua pequena indústria (Fábrica de Faiança - 1773-1810), oficinas (Figurado, Olaria, Telhas, Tecelões, Tintoreiros, Surradores, Correeiros, Albardeiros, Carpinteiros de obra grossa e fina...) e comércio (deslocações pelo Reino, falta de dinheiro e colocação de produtos no Brasil). Basta uma análise superficial dos “*Mapas de relação de Fábricas e Oficinas*” do Fundo do Governo Civil, na seção relativa à ordenação das atividades económicas e de população em consulta no Arquivo Distrital de Évora, para concluirmos que esta terra, que em tudo competia com a capital de distrito nas primeiras décadas de oitocentos, nas últimas décadas do século XIX está profundamente deprimida industrialmente. As oficinas são já poucas em todas as áreas de atividade, o que indicia uma mudança profunda em termos económicos e sociais. Sai desta tendência o crescente uso de Máquinas a

33 Favoreceu o livre-cambismo, o que possibilitou a entrada a baixo custo de produtos estrangeiros, arruinando a indústria e oficinas nacionais.



Primavera (Par), Oficinas de Estremoz, século XIX, coleção Júlio Maria dos Reis Pereira – Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

Vapor nas moagens e lagares desde 1853, o que é revelador da passagem de uma sociedade onde imperavam oficinas artesanais independentes, e que não se conseguiu adaptar às novas circunstâncias políticas e da mecanização provocada pela Revolução Industrial na Europa, para uma onde sobressai uma pequena indústria exclusivamente dependente da agricultura, a qual conseguiu, em determinados setores de atividade, adaptar-se às exigências tecnológicas da época³⁴.

Acresce a esta instabilidade um fator endógeno, o qual provocava uma permanente desestabilização a todos os que trabalhavam com recurso aos fornos para cozedura, nomeadamente os barristas: a contínua falta de lenha³⁵. No Livro de Atas de Vereação de 1773 a 1777, verificámos a existência de um problema grave em 1773 pelo qual estavam a passar os detentores de toda a qualidade de fornos em Estremoz. Segundo várias atas indicam, não havia lenha nos sete terrenos pertença da Coutada da Câmara por estes terem

sido lavrados por mercê do Rei ao Marchante da Carneceria do Povo.³⁶ Este problema parece que persistiu durante décadas, já que em 1845 as Olarias (que englobariam certamente as oficinas de Figuras) estariam em estado “*Decadente por falta de lenha.*” Um problema desta magnitude acarreta diversas implicações, como o aumento do custo de produção caso se comprem lenhas fora do concelho, ou mesmo o apagar dos fornos. O prejuízo é evidente. Pensamos que uma das causas da decadência, para além das convulsões que o país atravessou em oitocentos, pode mesmo ser a falta de combustível para os fornos.

Acresce ainda um problema com a extração de barro, a qual foi sujeita a pelo menos um aumento de preços de tal modo gravoso em 1800, que oleiros e mestres da Fábrica de Faiança se queixaram à Junta Real do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação³⁷.

E é claro, que em época de instabilidade económica e política, produtos artísticos como o Figurado de Estremoz, têm menos procura, pois a compra de bens de primeira necessidade passa a dominar o orçamento familiar.

Como se observa, estavam criadas as condições para o que podemos intitular de tempestade per-

34 “Mapa das Machinas a Vapor”, in Fundo do Governo Civil de Évora, Seção J: Coordenação das atividades económicas e de população, 1887 Pasta 216.

35 “Relação das Fabricas e Oficinas com que foram preenchidos os Mappas remetidos ao Ministro do Reino com officio n.º 459 de 15 de Dezembro de 1845, e pelo mesmo Ministerio exigidos em Portaria circular de 25 d’ Outubro ultimo, n.º 871 do Livro 47”, in Fundo do Governo Civil de Évora, Seção J: Coordenação das atividades económicas e de população, Pasta 218.

36 “Ata da sessão de 14 de Agosto de 1773”, fl 20v e 21.

37 Livro de registo de Leis e Ordens, 1772 – 1835, fol. 232.



Primavera (Par), Oficinas de Estremoz, século XIX, coleção Júlio Maria dos Reis Pereira – Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.



Amor é Cego (par), Oficinas de Estremoz, século XIX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.



Músico Paliteiro e Músico, Oficinas de Estremoz, século XIX, coleção Júlio Maria dos Reis Pereira – Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

feita, para que quer as olarias, oficinas de telhas e material de construção civil, bem como as oficinas de Figuras, encerrassem, ou diminuíssem a produção, tal a quantidade dos problemas existentes para a sua laboração.

Uma fonte de 1837 recentemente descoberta³⁸, indica que as 26 oficinas de Figurado existentes estariam decadentes, ou seja, com perca de rendimentos e certamente de artesãos no ativo. Este dado reforça claramente a tese de uma decadência lenta, mas persistente, durante todo o século XIX.

Em suma, o século XIX é um período cronológico de grandes mudanças no Figurado de Estremoz. Primeiro, pela inserção na tradição de Bonecos de índole profana, e em certos casos de componente utilitária como os *Paliteiros*, sem qualquer ligação ao *Presépio*. Em segundo lugar, pela simplificação dos modelos, diminuição do seu tamanho, perca de capacidade técnica e consequente menor qualidade estética da produção. Por último, pela decadência das oficinas, quer em número de produtores, quer em rendimentos.

No primeiro quartel do século XX a tradição barística estava moribunda. Após o falecimento de

Gertrudes Rosa Marques, houve mesmo um breve período em que já não se produziam Bonecos (1921-1934). As famílias das Marques e Estopas já tinham deixado de modelar e a tradição estava como que “morta”. Em 1931 lamentava-se Luiz Fernandes³⁹:

*“Perdem-se já na rajada do tempo, o maior cartaz que tinha a antiga vila nobre, para lembrá-la e celebrá-la em toda a parte, para conservá-la sempre nos ouvidos de toda a gente: O Boneco de Estremoz (...) poucas são as pessoas que não sentem sinceramente, a perda desses característicos bonécos, estranha e graciosa plasmação em barro, da alma rude e ingénua do nosso povo, que agora é já difícil senão impossível ressuscitar”.*⁴⁰

Ressurgimento e manutenção (1935-2012)

Porém, logo em 1935, o Figurado de Estremoz é resgatado da breve extinção. Na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, através do seu diretor, o escultor José Maria Sá Lemos (1892-1971), dão-se

38 Agradecemos a fonte ao colecionador Dr. Carmelo Aires. ADE: “Mapa das Fábricas e Oficinas dos concelhos”, in Fundo do Governo Civil de Évora, Seção J: Coordenação das atividades económicas e de população, 1837, Pasta 216.

39 Primeiro diretor da futura Escola Industrial António Augusto Gonçalves, então Escola de Artes e Ofícios.

40 FERNANDES, Luiz, 1931, “A vida eterna das cousas, tradição e arte II”, in *Brados do Alentejo*, Estremoz, Tipographia dos Brados do Alentejo, n.º 18, 31 de Maio de 1931, pp. 1



José Maria Sá Lemos com Ti Ana das Peles na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, 1935 (?), fotografia de Rogério de Carvalho. Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de Estremoz.

os primeiro passos para que tal ocorra:

*"(...) conseguido por empréstimo, alguns exemplares [de bonecos], quase uma dezena, várias gravuras e desenhos" e convencido "uma mulherzinha [Ti Ana das Peles] que, na mocidade, tinha visto dar ao barro as variadíssimas formas dos bonecos, e ela mesmo ainda fez os celebérrimos galos, pombos e cestinhos de ovos, cujos assobios atroavam as romarias e lhes davam ambiente."*⁴¹.

Com Ti Ana das Peles (1870-1945) vê Sá Lemos a oportunidade de "ressurreição artística [dos Bonecos, tendo que] convencer a oleira a trabalhar e a criar alguns discípulos, aos quais legasse os segredos da sua arte tão nobre."⁴² A este respeito diz Azinhal Abelho:

*"Ajuda daqui, ajuda dali, lá foi perdendo o medo, lá foi vencendo dificuldades."*⁴³

Entretanto o diretor da Escola obtém também o precioso auxílio do oleiro Mestre Mariano da Conceição, e com este enceta igualmente a recupe-

ração do Figurado local. Com o apoio estético de Sá Lemos, o Mestre oleiro inova, recria e acrescenta temas à tradição. É neste contexto que, por exemplo, surge a grande inovação do "Presépio de Altar" (anos 40, séc. XX). Unindo à tradição presepista à tradição dos "Tronos de Santo António" das festas populares, cria-se uma peça inteiramente nova, de estética popular, e que hoje é emblemática das Figuras de barro de Estremoz. Este é composto pelo Altar/Trono, estrutura com três degraus, onde no primeiro degrau estão os "Pastores Ofertantes", no segundo a "Sagrada Família" com o "Menino Jesus" deitado numa manjedoura (onde estão empoleirados galos e galinhas) e no terceiro estão os "Reis Magos".

Como se verifica, com a Escola Industrial o Figurado renasce com grande vigor. Compreende-se aqui uma ligação à política do espírito de António Ferro, onde eruditos vão desenhando, reinventando a arte popular, aproveitando o que esta tem de mais genuíno, mas ao mesmo tempo depurando a produção, de modo a regenerar o artesanato retirando-lhe os elementos entendidos como não tradicionais.

Entretanto a Escola Industrial aproveita o modo como o Secretariado de Propaganda Nacional (posterior Secretariado Nacional de Informação - SNI), fundado em 1933, pretende dar a conhecer o novo Portugal e suas riquezas endógenas, e

41 ABELHO 1955, pp. 8-11.

42 DAVID, Celestino, 1945, "A Ti Ana das Peles", in *Brados do Alentejo*, Estremoz, Tipographia Brados do Alentejo, n.º 738, 11 de Março de 1945, pp. 4.

43 ABELHO 1955, pp. 11.



Mariano da Conceição a modelar Figura na sala de Olaria da Escola Industrial António Augusto Gonçalves, década de 40 do século XX, fotografia de Rogério de Carvalho. Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de Estremoz.

tendo como parceiro Luís Chaves, dá a conhecer, entre outras artes, o renascimento do Figurado na “Quinzena de Arte Popular Portuguesa em Genebra” (Galeria Moos, 1935), na “Exposição de Arte Popular Portuguesa” (Lisboa - 1936), na “Exposição Internacional de Paris – Pavilhão Português” (1937) e finalmente na “Exposição do Mundo Português” em Lisboa (1940)⁴⁴.

Nestas exposições estiveram expostas uma coleção de Figuras de Estremoz adquirida pelo Secretariado de Propaganda Nacional à Escola Industrial António Augusto Gonçalves⁴⁵, instituição esta, como atrasadamente se verificou, estava a dar os primeiros passos para o ressurgimento do Figurado. As exposições tiveram um papel não menosprezável no apoio a estes ressurgimento, pelo lugar de destaque que granjeou ao Boneco de Estremoz na arte popular nacional. Por motivos ainda não totalmente conhecidos, mas aos quais não devem ser alheias as conhecidas divergências entre Luis Chaves e Francisco Lage, a barrística barcelense a determinada altura ganha destaque e passa a ser a representante única do Figurado em barro nas restantes exposições nacionais nas feiras internacionais.

44 CHAVES e MARTHA, 1936. ABELHO, Azinhal, 1936, *Um Artista - Sá Lemos*, in Brados do Alentejo, Estremoz, Tipographia Brados do Alentejo, n.º 268, 15 de Março de 1936, pp. 5.

45 Coleção depois integrada no futuro Museu de Arte Popular.

Para além das iniciativas orientadas para o estrangeiro que norteavam parte da ação de propaganda nacional do Secretariado Nacional de Informação, um outro vetor da sua política visava a celebração da Pátria. Este teve como momento maior a “Exposição do Mundo Português”. Depois do Figurado de Estremoz ser dado a conhecer às elites políticas, culturais e sociais de Portugal, na Exposição de Lisboa em 1936, apresentava-se agora às massas que afluem de todos os pontos do território continental a este grande evento glorificador do regime. A “Exposição do Mundo Português” foi, de facto, o pólo principal de promoção nacional desta tradição barrística ressurgida, renovada e reinventada. É também nesta exposição que o novo barrista Mariano da Conceição (1902-1959), por intermédio de sua esposa Liberdade da Conceição (1913-1990), se dá a conhecer a Portugal e ganha projeção e prestígio, factos que o ajudam na decisão de continuar decididamente uma arte, que tinha Ti Ana das Peles como última representante, segundo testemunho de sua filha Maria Luísa da Conceição.

Entretanto surgem as oficinas de dois novos barristas: António Lino de Sousa (1918-1983), que foi ensinado por Mariano da Conceição na Olaria Alfacinha, entre os anos 40-50 do século XX, e José Moreira (Zé do Telhado) (1926-1991), o qual segundo testemunho da viúva, aprendeu com Ti Ana das



Primavera, Aclénia Pereira, década de 40-50 do século XX, coleção Museu Rural de Estremoz.



Senhora dos Pezinhos, Mário Lagartinho, década de 80 do século XX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

Peles⁴⁶, mulher que o recolheu em casa ainda em menino após morte da mãe. Ali viu fazer as Figuras e assimilou todo o saber-fazer da artesã.

Também na década de 40 surge a trabalhar Aclénia Pereira⁴⁷ (1927-2012) aluna do mesmo Mariano da Conceição na Escola Industrial e que trabalhou até à década de 80 do século XX.

Com a morte de Mariano da Conceição em Setembro de 1959, no seio da família dos Alfacinhas⁴⁸, a sua irmã Sabina da Conceição Santos (1922-2005), tomou a iniciativa de dar continuidade à tradição logo em Novembro desse ano, abrindo uma oficina com as cunhadas Maria José Cartaxo e Teresa Cid da Conceição. Após morte de Teresa Cid, a sociedade termina em 1962/63, seguindo Sabina e Maria José caminhos diferentes.

Quanto a Liberdade da Conceição, que sempre acompanhou o marido na área da pintura, esta

começou a trabalhar por conta própria provavelmente em 1962, e sem ligação à Olaria Alfacinha, ao contrário do que acontecia com a sua cunhada Sabina. Liberdade era assídua nas Feiras, tal como o era José Moreira. A estes dois barristas deve muito a projeção que teve o Figurado local, entre os anos 50 a 80, já que eram autênticos embaixadores da arte, sem o mínimo de apoios locais ou nacionais.

Entretanto, nos anos 70, o oleiro Mário Lagartinho⁴⁹ (1935-2016) decide enveredar também pelo Figurado de Estremoz, associado a sua esposa Ana e tendo como colaborador Arlindo Ginja.

Entre 1974/75 em Sarilhos Grandes, Montijo, começa uma carreira como barrista Isabel Carona Bento, a qual tinha aprendido a arte com Sabina da Conceição Santos.

Também nesta década de 70, Arlindo (1938-2018) e Afonso Ginja (1949) abrem uma oficina designando-a de *Irmãos Ginja*.

Nos anos 80 começam a trabalhar por conta própria Perpétua Sousa (1958) e Maria Inácia Fonseca (1957), associando-se com a designação de *Irmãs Flores*. Iniciam também atividade nesta década as artesãs Fátima Estroia (1948), Quirina Marmelo (1922-2009) e Maria Luísa da Conceição (1934-2015).

46 Maria Luísa da Conceição, por sua vez, disse-nos que José Moreira aprendeu com Mariano da Conceição na Olaria Alfacinha.

47 Para mais dados, ver: Hernâni Matos, "Aclénia Pereira Bonequeira de Estremoz", *Blogue "Do Tempo da Outra Senhora"*, 2012, posto online no dia 06 de Novembro de 2012, consultado no dia 05 de Janeiro de 2014. URL: <http://dotempodaoutrasehora.blogspot.pt>

48 Alcinha pela qual eram conhecidos os descendentes de Caetano Augusto da Conceição (pai de Mariano da Conceição), o primeiro membro desta família que se radicou em Estremoz. Para melhor conhecer a história desta família: GUERREIRO 2012, pp. 6-10.

49 Então já proprietário da Olaria Regional.



Matança, Quirina Marmelo, década de 80-90 do século XX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

Duarte Catela (1988), por sua vez, começou a trabalhar em part-time já na primeira década do século XXI, amparado primeiro por sua bisavó Quirina Marmelo e depois da morte desta devidamente auxiliado pela avó Joaquina.

Também Ricardo Fonseca (1986), sobrinho das Irmãs Flores, decidiu dar início à sua carreira como barrista nesta primeira década do século atual, unindo-se a sua tias.

Entretanto, após reforma dos Irmãos Ginja em 2011, Matilde Ginja (1953) passou a ajudar seu esposo Afonso na pintura das Figuras.

No ano seguinte é Jorge da Conceição que reinicia o seu trabalho enquanto barrista, dando seguimento à tradição familiar e a uma paixão que nunca deixou de estar presente.

Como se verifica estamos perante uma arte viva, com artifícios bastantes que permitam alguma diversificação e competição, situações que ajudam a dinamizar o mercado.

Processo de Valorização e Salvaguarda do Figurado (2012-...)

A partir de 2012 o Município de Estremoz deu início a um processo de valorização do Figurado, no intuito último de o registar como Património Imaterial da UNESCO e também com o objetivo claro de conquis-

tar os jovens para perpetuação de um modo de produção único no contexto nacional e internacional.

Dado isto o Museu Municipal de Estremoz, serviço da Câmara Municipal de Estremoz (CME), deu início ao processo de candidatura em Outubro de 2012, reunindo uma equipa de trabalho constituída pela Vereadora da Cultura, Márcia Oliveira, o Chefe do Gabinete do GAP, António Serrano, e pelo Responsável do Museu Municipal, Hugo Guerreiro, sendo que este último ficou como responsável técnico da candidatura.

Logo a 26 de Março de 2014, a Assembleia Municipal de Estremoz classificou a Produção de Figurado de Estremoz como *Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal*, por proposta do Museu.

Fizeram-se entretanto os primeiros contactos com Direção Geral do Património Cultural, os quais pretendiam a inscrição no *Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial*⁵⁰. O registo era condição essencial para que a Comissão Nacional da UNESCO (CNU) aceitasse a proposta de candidatura. A inscrição ocorreu a 20 de Abril de 2015⁵¹.

A 26 de Junho de 2015 foi fundado no Museu Municipal de Estremoz o *Centro UNESCO para a Va-*

50 De salientar o apoio muito relevante do Doutor Paulo Costa, então chefe do Departamento.

51 Anúncio n.º 83/2015 da DGPC, segundo publicação na 2ª série do Diário da República de 07 de Maio de 2015. O processo pode ser consultado em: www.matrizpci.dgpc.pt

lorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz (Centro UNESCO).

Tendo por parceiros a *Direção Regional da Cultura do Alentejo* e o *Centro UNESCO*, é entregue a 22 de Março de 2016 à CNU o processo final⁵² de candidatura à inserção na *Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade*. O registo aconteceu a 07 de Dezembro de 2017, na 12.ª Reunião do Comité Intergovernamental da UNESCO para Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, que decorreu na Coreia do Sul.

Agora há que ser colocado em prática o vasto Plano de Valorização e Salvaguarda. Assim, já 2018 deu-se início ao processo que vai conduzir à certificação dos produtores e do seu trabalho, tendo em vista a salvaguarda de uma produção que se quer de qualidade e fiel aos princípios basilares em termos de modelação e estética.

52 O contributo da Doutora Clara Cabral neste processo foi muito relevante.



DA IDENTIDADE E CONCEPTUALIZAÇÃO

Definição

Podemos definir o Figurado de Estremoz, popularmente conhecido por Boneco de Estremoz, como uma tipologia de artesanato comerciável, com uma modelação singular, que assenta na produção de Figuras de barro com uma antiga matriz sagrada e profana, o qual tem uma história multiseccular.

Constitui ainda um tipo de produção de carácter artesanal, identificado em exclusivo com o centro de produção que lhe confere a designação, e de que constituem principais marcas identificativas o seu processo de modelação, a diversidade e carácter único dos modelos produzidos, assim como o respetivo carácter estético, expresso em particular na sua viva policromia.

Delimitação geográfica da área de produção

A produção de Figurado de Estremoz é historicamente associada territorialmente aos limites geográficos do concelho de Estremoz, distrito de Évora, região Alentejo, nomeadamente ao espaço geográfico compreendido pela atual União das Freguesias de Estremoz.



Amor é Cego, Célia Freitas, 2015.

Sobre o carácter identitário-emblemático do Boneco de Estremoz

A produção de um Boneco efetua-se por meio de placas, rolos e bolas de barro. Através destas modela-se e veste-se a Figura. Com um molde em barro/gesso dá-se forma à face. Este modo de confeção é de facto singular, o que torna o Boneco de Estremoz perfeitamente distinguível das demais produções do contexto português e internacional. Para além da tipologia de modelação, é igualmente relevante em termos de marca identitária o factor cronológico. Pelo menos desde o século XVII que este modo de modelar Bonecos se realiza em Estremoz, havendo somente um pequeno interregno produtivo de 14 anos (1921-1935) no século XX. Dado isto, não é de estranhar que a tradição bonequeira esteja tão *entranhada* na cultura da terra. Também as temáticas dos Bonecos os distinguem de outros Figurados, principalmente pela forte referência identitária à região alentejana, já que a vasta maioria das peças refere-se a cenas e ofícios regionais. Por sua vez, nas devoções, os barristas sempre tiveram uma intensa ligação ao povo, refletindo a sua produção os Santos mais populares desta área geográfica, nomeadamente o “*Santo António*”, “*São João*” ou “*Nossa Senhora da Conceição*”. Depois, temos modelos ímpares, nascidos da imaginação prodigiosa dos barristas, como o



Amor é Cego, Irmãs Flores, década de 90 do século XX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.



Rei Negro, Isabel Pires, 2015.

“Cirurgião”, a “Primavera”, o “Amor é Cego”, ou ainda a “Bailadeira”, entre outros.

Importante também em termos de singularidade, é o fator de origem sexual dos produtores, dado que os Bonecos resultam de uma idealização e confeção em grande medida feminina, num trabalho que nem sequer era reconhecido como ofício, sendo visto como uma mera curiosidade⁵³. Foram essencialmente as mulheres de Estremoz, salvo algumas exceções, que dominaram e idealizaram a seu modo a produção entre o século XVII e XIX⁵⁴, pelo que toda a tradição está imbuída da sua mundividência nas áreas religiosa, social e cultural. Presentemente, porém, o Figurado de Estremoz é indiscriminadamente modelados por homens e mulheres, tendo contudo ainda as mulheres uma presença muito acentuada.

De facto, uma tradição singular em termos de produção na área do barro, que numa determinada

terra nasce e se desenvolve por mãos femininas, e tem raízes seculares, é uma especificidade patrimonial que não tem paralelo.

E é esta a razão pela qual os estremocenses têm orgulho nos seus Bonecos e do que representam, reconhecendo nestes uma distinção que os diferencia culturalmente em Portugal e no mundo.

Sobre a designação dos Bonecos de Estremoz

Um problema que muitas vezes se coloca relativamente ao Boneco de Estremoz, é a designação a atribuir aos mesmos. É comum cada investigador, inventariante de Museu e em certas ocasiões até cada barrista, atribuir aos diversos temas representados no Figurado a designação que entende mais correta pela simples observação das suas características básicas. Esta situação causa confusão, como por exemplo se observa nos inventários dos museus. Dado isto, será relevante deixarmos uma proposta fundamentada que auxilie na resolução de questões que amiúde se colocam neste âmbito.

Como chegámos às designações que vamos apresentar neste capítulo? A investigação incidiu fundamentalmente em “Preçários” (Liberdade da Conceição e Sabina da Conceição Santos) e no antigo “Inventário do Museu Municipal” (1929-1965?) e Museu

53 GUERREIRO, Hugo, 2011, “Apontamentos sobre Faianças de Estremoz”, in *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Barcelos, Câmara Municipal de Barcelos, 2.ª Série, n.º 4, pp. 76.

54 No século XIX conhecemos três homens que se “intrometem” numa área claramente de domínio feminino. Um deles foi Cláudio, que ensinou à sua esposa Gertrudes Rosa Marques a arte do Figurado local – CHAVES 1925, pp. 89. DAVID, Celestino, 1943, “A Plasticização do Barro de Estremoz”, in *Brados do Alentejo*, Estremoz, Tipographia Brados do Alentejo, n.º 628, 31 de Janeiro de 1943, pp. 15. Os outros dois são Joze Lobo da Cozta e Jose Lopes - Livro de Registo de Passaportes, 17 de Junho de 1774 a 23 de Janeiro de 1805, fólio 99 e 116v.



Primavera, Irmãs Flores, década de 90 do século XX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

Rural de Estremoz (1948)⁵⁵. Infelizmente, dado que o ofício de barrista não era reconhecido como tal, mas apenas como uma curiosidade, não há dados no *Livro das Taxas dos Ofícios*⁵⁶ que nos indiquem que Figuras eram confeccionadas. Assim não há por agora qualquer fonte cronologicamente mais recuada que as indicadas, que nos indique os Bonecos produzidos e suas designações.

As denominações levantadas nos inventários que assinalámos, correspondem inteiramente às que são usadas pela Família Alfacinha nos seus preçários⁵⁷. Estas são claro reflexo das designações levantadas no âmbito do trabalho efetuado por José Maria Sá Lemos, quando estudou a barrística de Estremoz para a resgatar da extinção. Não sabemos concretamente onde o diretor da Escola Industrial António Augusto Gonçalves se baseou para atribuição de nomes aos Bonecos, mas não estaremos longe da verdade se pensarmos em Ti Ana das Peles, bonequeira que em 1935 aceitou o desafio de “ressuscitar” a arte com a colaboração do diretor da escola, o escultor José Maria Sá Lemos. Também os colecionadores que cederam peças para reprodução, poderão ter tido um contributo importante neste âmbito.

55 Dados do Museu Municipal e Museu Rural refletem as designações dos Bonecos que eram dadas na Escola Industrial.

56 Livro das Taxas dos Ofícios \de Estremoz/, 1675-1732.

57 Tabela de preços de Sabina Santos de 1987 e Liberdade da Conceição/Maria Luísa da Conceição de 1992.

Em suma, entendemos que as designações do levantamento do Figurado tradicional que vamos apresentar no capítulo seguinte - *Do Núcleo Base do Boneco de Estremoz* - deverão ser assumidas por todos os interessados direta ou indiretamente nesta arte, dado que foram recolhidas por José Maria Sá Lemos junto de quem privou com os barristas pré-Escola Industrial, os quais terão por sua vez herdado este conhecimento das antigas famílias de barristas. Serão assim os nomes originais das Figuras que José Maria Sá Lemos, os artesãos e colecionadores entendiam como sendo as que realmente faziam parte de um lote que entendiam como a base fundamental da tradição barrística de Estremoz (pelo menos no século XIX).

Tipologias e Temas fundamentais

Podemos dividir de modo sistemático todas as Figuras de Barro de Estremoz, em tipologias categorizáveis da seguinte maneira:

- **Figuras individuais:** Representação de um tema através de um Boneco, com ou sem base. Verificamos esta tipologia na Imaginária, com as Figuras para devoção (ex: “*Nossa Senhora da Conceição*”, “*Santo António*”...), nas Figuras do mundo urbano (ex: “*Peralta*”, “*Senhora dos Pezinhos*”...), rural (ex: “*Leiteiro*”, “*Pastor do Harmó-*



Mulher das Galinhas, José Moreira, década de 80 do século XX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.



Figura de Assobio: Galo no Pinheiro, José Moreira, década de 80-90 do século XX, coleção Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

nio"...), e nas Figuras de carnaval (ex: "Amor é Cego", "Primavera"...);

- **Conjuntos:** Representação de um tema através de mais de um Boneco colocado numa mesma base, ou até em bases separadas. Verificamos esta tipologia na Imaginária ("Presépio", "Fuga para o Egito"...), mundo urbano ("Aguadeiro", "Sargento a Cavalo"...), no mundo rural ("Matança do Porco", "Mulher das Galinhas"...), e nas Figuras de carnaval ("Cirurgião");
- **Apitos/Assobios e Pregadeiras:** Quanto aos Apitos/Assobios, estes são representações de Bonecos antropomórficos essencialmente evocativos do Mundo Urbano ("Peralta", "Sargento"...), sendo as Figuras zoomórficas cuja temática são os galos as mais produzidas. Verificam-se também temas mistos como o "Sargento a Cavalo" ou a "Amazona". Sem figuração há poucos Apitos/Assobios, como por exemplo "O Ninho" ou o "Pinheiro", entre outros. As representações são colocadas sobre uma base que é um assobio funcional. Pregadeiras, são representações antropomórficas de Figuras do mundo urbano ("Sargento", "Senhora dos pezinhos...), religiosas ("Nossa Senhora", "Padre" e "Freira") e não figurativas como o "Coração". Serviam para passar o fio quando se cozia.

- **Olaria enfeitada:** Não fazendo parte do Figurado, são contudo peças com contributo de barristas, sendo esta tipologia constituída por cantarinhas e púcaros enfeitados, terrinas e candelabros.

Conseguimos ainda subdividir as três primeiras tipologias, nas seguintes grandes temáticas:

- **Devoção:** Figuras e Conjuntos de expressão religiosa cristã, designadamente católica, que eram utilizadas para culto: "Presépio", "Nossa Senhora da Conceição", "Santo António", "São João Baptista", "Menino Jesus Rei do Mundo"...
- **Mundo Rural:** Figuras e Conjuntos com representações da vida rural alentejana, com especial enfoque no mundo do trabalho: "Matança do Porco", "Mulher das galinhas/cabritos/perús", "Pastor do Tarro e da Manta"...
- **Mundo Urbano:** Figuras e Conjuntos com representações da vida urbana local, com enfoque no mundo do trabalho e social: "Sargento a Cavalo", "Sargento no Jardim", "Mulher das Castanhas", "Peralta", "Dama dos Pezinhos"...
- **Carnaval:** Figuras e Conjuntos com índole satírica, alegórica ou festiva: "Cirurgião", "Primavera", "Amor é Cego", "Frade a Cavalo"...



Rainha Santa Isabel,
Irmãs Flores, 2015.



Semeador, Afonso Ginja, 2015.



Mulher a Passar a Ferro, Maria Luísa da
Conceição, década de 80-90 do sécu-
lo XX, coleção Museu Municipal Prof.
Joaquim Vermelho.



São João com Flores, José Moreira, déca-
da de 80-90 do século XX, coleção Mu-
seu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.



Pucarinho enfeitado, Maria Luísa da
Conceição, década de 80-90 do sé-
culo XX, coleção Museu Municipal Prof.
Joaquim Vermelho.



Terrina enfeitada, Olaria Alfacinha,
anos 60 (?), coleção Hernâni Matos.

A tipologia a “*Olaria Enfeitada*”, pode ser, por sua vez, subdividida do seguinte modo:

- **Decorativa:** abrange peças como os “*Pucarinho enfeitados*” e “*Cantarinhas enfeitadas*”. Hoje têm sido criadas diversas variantes. Estas não têm outra utilidade, que não seja a decorativa. Produção de oleiro. Pintadas nas oficinas de barrística.

- **Funcional:** conhecem-se as peças “*Terrina*” e o “*Candelabro*” de uma e três velas, as quais poderiam ter utilidade prática, para além de serem decorativas dado que pelo seu colorido eram muito atrativas. Eram produzidas por oleiro, e depois pintadas ou na oficina da Olaria, ou na de barrística.

São então estes os temas e tipologias que abarcam o Figurado em Barro de Estremoz, caracterizando-o e distinguindo-os das demais tradições.



Castiçal, Sabina da Conceição Santos, década de 70-80 do século XX.

DO NÚCLEO BASE DO FIGURADO DE ESTREMOZ

O Núcleo Base do Figurado de Estremoz

Entendemos por “*Núcleo Base do Figurado de Estremoz*”, aquelas Figuras que a tradição multicentenária assume como as tradicionais, logo as mais relevantes do ponto de vista das temáticas confeccionadas pelos barristas ao longo dos tempos.

Este núcleo base foi evoluindo ao longo dos séculos, de acordo com as matizes da cultura do país e da região. Assim, durante o século XVII e a primeira metade do século XVIII, as Figuras eram somente de índole religiosa, nomeadamente as que o povo estremocense tinha mais devoção, como a *Nossa Senhora da Conceição*, *Nossa Senhora com o Menino*, *Santo António*, *São João*, *Santo Onofre* ou o *Senhor dos Passos*.

Sensivelmente após este período surge, na segunda metade do século XVIII, a tradição presepista que acrescenta a cena da natividade ao núcleo base do Figurado. O génio criador dos barristas faz ainda surgir uma série de Bonecos profanos (“*Pastores*”, “*Mulheres*” em diversas ocupações...), ligados ao universo alentejano que envolve a Sagrada Família. Estas Figuras foram lentamente, com o declínio da tradição presepista no século XIX, ganhando um espaço muito seu, a par de outras inovações, na tradição barrista estremocense. Com a Escola Industrial António Augusto Gonçalves (1935), tornam-se mesmo autónomas do Presépio.

A partir do século XIX vão sendo acrescentadas à tradição umas outras Figuras profanas, sem a mínima ligação às temáticas religiosas, como por exemplo “*Primaveras*” (do arco), “*Paliteiros*” diversos e o “*Amor é Cego*”, entre outras da mesma índole.

Quanto às Figuras produzidas e que hoje são consideradas pelos barristas como as tradicionais, em larga medida são aquelas que numa primeira fase a partir de 1935, o diretor da Escola Industrial o escultor José Maria Sá Lemos inventariou, com o auxílio de barristas e colecionadores, quando pretendeu fazer ressurgir a arte. Mas também são aquelas que resultam de novos Bonecos produzidos em parceria com Ti Ana das Peles e Mariano da Conceição⁵⁸.

É então este conjunto de Figuras, um misto de tradição recuperada de modelos com vários séculos com outros já idealizados nas décadas de 30 e 40 do século XX, que são hoje considerados pelos barristas como o núcleo base da tradição local⁵⁹. Tudo o resto, entendem como *novos modelos*, ou *inovações*, os quais pouco são reproduzidos, salvo enco-

58 Exemplo, Presépio de Altar/Trono.

59 Este conjunto de Bonecos são os que a Família Alfacinha apresenta nos seus preçários e na lista de Figuras que a Escola Industrial vende à autarquia para incorporação no Museu Municipal de Estremoz em 1941. Vide capítulo deste livro *Da Identidade e Conceptualização*.



Nossa Senhora da Conceição, Oficinas de Estremoz, segunda metade do século XVIII, coleção Júlio Maria dos Reis Pereira – Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.



Nossa Senhora da Conceição, Oficinas de Estremoz, século XIX, coleção Júlio Maria dos Reis Pereira – Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho.

menda especial de colecionador⁶⁰. Acontece também reproduzirem modelos antigos, que por vezes lhes são apresentados ou pelo Museu Municipal, ou por colecionadores, mas nunca fazem destas peças o seu núcleo principal de produção.

No presente capítulo vamos também dar a conhecer as origens históricas do Figurado da tradição, para dar resposta a questões que muitas vezes nos são colocadas neste âmbito. Os dados apresentados baseiam-se nas coleções que conhecemos, em investigações aprofundadas sobre as diversas Figuras, em fotografias datadas e em conversas que tivemos com alguns colecionadores. Não consideramos este trabalho terminado, pois poderão surgir no futuro informações e Bonecos que contrariem as nossas conclusões, contudo a vasta maioria das Figuras apresentadas dificilmente terão uma cronologia diferente da que aqui escrevemos. Em alguns dos Bonecos mais emblemáticos, juntamos informações que contextualizam o seu significado, já que também estes são objeto de questões frequentes sobre esta matéria. Seria inútil acrescentar esta informação a todas as Figuras, porque na vasta maioria o seu significado e sentido é bastante óbvio.

⁶⁰ Desta regra saem algumas Figuras, como por exemplo a *Rainha Santa Isabel*, cuja aceitação por parte do público comprador poderá um dia acrescentar esta peça ao Núcleo Base do Boneco de Estremoz.

É então este o núcleo fundamental de Figuras que passamos em seguida a descrever, a referir a sua temática, tipologia e a sumariamente indicar as suas origens históricas.

TEMA: DEVOÇÃO

Presépio de Altar, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por 9 Figuras dispostas num *Altar/Trono* de base verde com pontos brancos e “muros” pintados a azul e branco com tijolo vermelho. No primeiro degráu estão 3 Pastores alentejanos de joelhos: o Pastor Ofertante das Pombas, o Pastor ajoelhado [em adoração] e o Pastor Ofertante [com borrego]. No segundo observa-se a Sagrada Família: Nossa Senhora de joelhos, o Menino Jesus deitado na Mangedoura e São José também de joelhos. No último degráu estão os três Reis Magos de pé, com as respetivas oferendas: Gaspar (Mirra), Baltazar (Incenso) e Belchior (Ouro). Todas as Figuras estão de frente para o Menino. Neste Presépio de Mariano da Conceição os Pastores laterais têm a ordem trocada e estão ao contrário, ou seja, de costas para o Menino.

Nota: Faz conjunto com as peças do inv. 29.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: O conjunto “Presépio” como produção de Estremoz tem origem na segunda metade do séc. XVIII; o conjunto a que pertence a figura representada, foi idealizado pelo diretor

da Escola Industrial António Augusto Gonçalves o escultor José Maria Sá Lemos, na primeira metade da década de 40 do séc. XX, sendo produzida pelo Mestre Mariano da Conceição (Mestre de Olaria naquela Escola).





Presépio de seis Figuras: Rei Mago, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de pé designada por *Baltazar*, que é o Rei Mago africano. Na face tem os olhos e boca pintados e o nariz é desproporcionalmente grande. Tem coroa amarela com três pontos vermelhos na frente, sendo o cabelo castanho escuro, curto e picotado para imitar uma carapinha. O Traje é real, sendo a túnica vermelha, o manto laranja, a calça branca e as botas pretas. Nas mãos segura a oferta ao Menino Jesus, neste caso Incenso. Originalmente o recipiente seria o “Corno da Abundância”, aqui muito estilizado. Assenta numa pequena base verde, retangular.

Nota: Faz conjunto com as peças do inv. 28 e inv. 29.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: A Figura como produção de Estremoz tem origem na segunda metade do séc. XVIII; o conjunto a que pertence a figura representada, foi idealizado pelo diretor da Escola Industrial António Augusto Gonçalves o escultor José Maria Sá Lemos, na primeira metade da década de 40 do séc. XX., sendo produzida pelo Mestre Mariano da Conceição.



Presépio de seis Figuras: Rei Mago, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de pé designada por *Melchior* ou *Belchior*, que é o Rei Mago europeu. Na face tem os olhos, boca, rosetas e barba pintados e o nariz é uma pequena proeminência. Tem coroa amarela e o cabelo é castanho escuro, longo e termina em rolos. Traje é real, sendo a túnica rosa, o manto laranja, a calça branca e as botas pretas. Nas mãos tem um cofre com Ouro para ofertar ao Menino Jesus. Assenta numa pequena base verde, retangular.

Nota: Faz conjunto com as peças do inv. 28 e inv. 29.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: A Figura como produção de Estremoz tem origem na segunda metade do séc. XVIII; o conjunto a que pertence a figura representada, foi idealizado pelo diretor da Escola Industrial António Augusto Gonçalves o escultor José Maria Sá Lemos, na primeira metade da década de 40 do séc. XX sendo produzida pelo Mestre Mariano da Conceição.



Presépio de seis Figuras: Rei Mago, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de pé designada por *Gaspar*, que é o Rei Mago asiático. Na face tem os olhos, boca, rosetas e barba pintados e o nariz é uma pequena proeminência. Tem coroa amarela e o cabelo é castanho escuro, longo e termina em rolos. Traje é real, sendo a túnica azul, o manto laranja, a calça branca e as botas pretas. Nas mãos tem uma caixa piramidal (deveria ser um Cálice para estar de acordo com o cânone da representação deste Mago) que serve de recipiente à Mirra. Assenta numa pequena base verde, retangular.

Nota: Faz conjunto com as peças do inv. 28 e inv. 29.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: A Figura como produção de Estremoz tem origem na segunda metade do séc. XVIII; o conjunto a que pertence a Figura representada, foi idealizado pelo diretor da Escola Industrial António Augusto Gonçalves o escultor José Maria Sá Lemos, na primeira metade da década de 40 do séc. XX sendo produzida pelo Mestre Mariano da Conceição.



Presépio de seis Figuras: Nossa Senhora, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina ajoelhada designada por *Nossa Senhora ajoelhada*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. Na cabeça, para além do véu amarelo de bordo pintado com traços vermelhos e verdes, que se sobrepõe ao longo do cabelo castanho, está uma coroa dourada de Rainha dos Anjos e Santos. Tem brincos, gola, punhos e bordo com folho dourados. Maria veste túnica amarela, com pregas, tendo motivos de flores estilizadas como decoração. O fundo interior da capa é vermelho, sendo que o exterior da mesma é azul celeste. As mãos estão em posição de oração e por entre o braço esquerdo e o tronco passa uma parte da capa, como se Nossa Senhora a estivesse a segurar, modelo típico da evocação da Conceição na barrística de Estremoz, numa adaptação idealizada por Mestre Mariano da Conceição. Assenta a peça em base grossa, estriada, oval, pintada de branco rosado com traços verdes e vermelhos como decoração.

Nota: Faz conjunto com as peças do inv. 28 e inv. 29.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz



Temática: Devoção

Origens históricas: A Figura como produção de Estremoz associada a Presépio tem origem na segunda metade do séc. XVIII; o conjunto a que pertence a Figura representada, foi idealizado pelo diretor da Escola Industrial António Augusto Gonçalves o escultor José Maria Sá Lemos, na primeira metade da década de 40 do séc. XX, sendo produzida pelo Mestre Mariano da Conceição.

Presépio de seis Figuras: Mangedoura com o Menino Jesus, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por *Menino Jesus* nú e *Mangedoura* onde Aquele repousa, a qual é composta por quatro pequenos pés, de fundo amarelo, pintada com cinco flores com grande caule no timpano da cimalha, e geométricos vermelhos e verdes na base. Na cimalha observam-se um Galo e duas pombas brancas, em cima do folho de cor azul celeste. Nos lados, na base, estão duas pombas. O Menino é louro, tem olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. Repousa a cabeça sobre almofada e tem uma mão por baixo da face e outra no peito.

Nota: Faz conjunto com as peças do inv. 28 e inv. 29.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: A Figura de Jesus recém-nascido como produção de Estremoz tem origem na segunda metade do séc. XVIII; a Figura associada a manjedoura com galinhas e galo, tem origem no século XIX; o conjunto a que pertence a Figura representada, foi idealizado pelo diretor da



Escola Industrial António Augusto Arroio o escultor José Maria Sá Lemos, na primeira metade da década de 40 do séc. XX, sendo produzida pelo Mestre Mariano da Conceição.

Presépio de seis Figuras: São José, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de joelhos designada por São José. Na face tem os olhos, boca e barba pintados e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho escuro, longo e termina em rolos. Possui túnica azul, manto vermelho e está cingido com cordão na cintura. A calça é branca e os sapatos pretos. Tem a mão esquerda no coração e a direita segura um bastão de arame que termina com lírios em barro. Assenta sobre base verde, tipo prancha, com denticulado à volta.

Nota: Faz conjunto com as peças do inv. 28 e inv. 29.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: A Figura como produção de Estremoz associada a Presépio tem origem na segunda metade do séc. XVIII; o conjunto a que pertence a figura representada, foi idealizado por José Maria Sá Lemos na primeira metade da década de 40 do séc. XX., sendo produzida pelo Mestre Mariano da Conceição.



Rei Mago a Cavalo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por uma Figura masculina montada designada por *Melchior* ou *Belchior*, que é o Rei Mago europeu, e uma Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Rei Mago a Cavalo*. O Rei Mago tem a face, os olhos e boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. Tem coroa amarela e o cabelo é castanho escuro. O Traje é real, sendo a túnica rosa, o manto laranja, a calça branca e as botas pretas. Está sobre cavalo cinzento, com malhas pretas, arreios castanhos e com manta laranja de bordo amarelo. Nas mãos tem um cofre com Ouro para ofertar ao Menino Jesus.

Nota: Faz conjunto com as peças inv. 31.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Figura como produção de Estremoz tem origem na segunda metade do século XVIII; esta forma de representação a cavalo, foi provavelmente idealizada e produzida nos anos 40 do século XX por Mestre Mariano da Conceição.



Rei Mago a Cavalo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por uma Figura masculina montada designada por *Baltazar*, que é o Rei Mago africano, e uma Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Rei Mago a Cavalo*. O Rei Mago tem a face, os olhos e boca pintados e o nariz é desproporcionalmente grande. Tem coroa amarela com três pontos vermelhos na frente, sendo o cabelo castanho escuro, curto e picotado para imitar uma carapinha. O Traje é real, sendo a túnica vermelha, o manto laranja, a calça branca e as botas pretas. Está sobre cavalo castanho, com malhas pretas, arreios amarelos e com manta laranja de bordo amarelo. Nas mãos segura a oferenda ao Menino Jesus, neste caso Incenso. Originalmente o recipiente seria o "Corno da Abundância", aqui muito estilizado. Asenta sobre base quadrada, verde, pontilhada de diversas cores.

Nota: Faz conjunto com as peças inv. 31.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Figura como produção de Estremoz tem origem na segunda metade do século XVIII; esta forma de representação a ca-



valo, foi provavelmente idealizada e produzida nos anos 40 do século XX por Mestre Mariano da Conceição.

Rei Mago a Cavalo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por uma Figura masculina montada designada por *Gaspar*, que é o Rei Mago asiático, e uma Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Rei Mago a Cavalo*. O Rei Mago tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. Tem coroa amarela e o cabelo é preto, longo e termina em rolos. O Traje é real, sendo a túnica azul, o manto laranja, a calça branca e as botas pretas. Está sobre cavalo castanho claro, com malhas pretas, arreios castanhos e com manta laranja de bordo amarela. Nas mãos tem uma caixa piramidal que serve de recipiente à Mirra.

Nota: Nas mãos deveria ser um Cálice para estar de acordo com o cânone da representação deste Mago; faz conjunto com as peças inv. 31.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Figura como produção de Estremoz tem origem na segunda metade do século XVIII; esta forma de representação a cavalo, foi provavelmente idealizada e produzida nos anos 40 do século XX por Mestre Mariano da Conceição.



Nossa Senhora a Cavalo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por uma Figura feminina a cavalo designada por *Maria*, e uma Figura masculina denominada de *Menino Jesus* ao Seu colo, a qual se intitula de *Nossa Senhora a cavalo*. As faces de Maria e Jesus têm os olhos, boca e rosetas pintadas, sendo o nariz uma pequena proeminência. Maria veste véu e túnica de cor azul celeste. O Menino Jesus está envolto em panos brancos, com uma decoração de traço em azul celeste. O cavalo é preto, com malhas castanhas nas patas e tem arreios brancos. As mãos de Maria seguram o Menino Jesus ao colo. Assenta numa base quadrada, pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Nota: Este conjunto é uma parte da cena bíblica intitulada de “*Fuga para o Egito*” (conjunto formado com a Figura *São José*), o qual foi separada pelos barristas a partir da recuperação da arte pela Escola Industrial António Augusto Gonçalves, sendo então vendida em separado (o que hoje não acontece). Atualmente o conjunto *Nossa Senhora a Cavalo* e *São José* podem ser colocados numa mesma base (como já acontecia em exemplares do século XIX).

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Entre segunda metade do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves).



São José, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de pé designada por *São José*. Na face tem os olhos, boca e barba pintados e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho escuro, longo e termina em rolos. Possui túnica azul, manto vermelho e está cingido com cordão na cintura. A calça é branca e os sapatos pretos. Tem a mão esquerda no coração, e a direita segura um bastão de arame que termina com lírios em barro. Assenta sobre base verde, retangular.

Nota: Este conjunto é uma parte da cena bíblica intitulada de *Fuga para o Egito* (conjunto formado com a *Figura Nossa Senhora a Cavalo*), o qual foi separada pelos barristas a partir da recuperação da arte pela Escola Industrial António Augusto Gonçalves, sendo então vendida em separado (o que hoje não acontece). Atualmente o conjunto *Nossa Senhora a Cavalo* e *São José* são, por vezes, colocados pelos barristas numa mesma base (como já acontecia em exemplares do século XIX).

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Entre segunda metade do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves).



Santo António, Mariano da Conceição?, sd

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina de pé, designada por *Santo António* e uma Figura masculina sentada denominada de *Menino Jesus*, o qual se intitula de *Santo António*. O Santo tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem na cabeça um Resplendor estriado e dourado que se segura por intermédio de espigão em arame ao topo da cabeça. Veste o hábito franciscano, castanho escuro, mas tem os bordos pintados de dourado, bem como a respetiva corda da Ordem atada à cintura. Os pés, pintados com estreita linha castanha para o calçar de sandálias. Na mão direita segura livro, onde está sentado o Menino Jesus nú. Este tem na cabeça um Resplendor estriado e dourado. Na mão esquerda exhibe o globo terrestre, tendo a mão direita no peito. O Menino é fixado por intermédio de arame que sai do livro. O Santo assenta em base tipo peanha, de frente convexa e cortada nas costas para melhor exposição no Nicho. O topo da peanha é vermelho, o corpo convexo é verde com tracejado branco e a base é ocre, verde e vermelha, a mesma decoração utilizada no filete que separa o topo do corpo desta peanha.

Nota: Nesta Figura, na mão direita, falta a flor que alguns modelos mais antigos têm.



Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Século XVII.

Santo António, Mariano da Conceição?, sd

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina de pé, designada por *Santo António* e uma Figura masculina sentada denominada de *Menino Jesus*, o qual se intitula de *Santo António*. O Santo tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem na cabeça um Resplendor estriado e dourado que se segura por intermédio de espigão em arame ao topo da cabeça. Veste o hábito franciscano, castanho escuro, mas tem os bordos pintados de dourado, bem como a respetiva corda da Ordem atada à cintura. Os pés, pintados com estreita linha castanha para o calçar de sandálias. Na mão direita segura livro, onde está sentado o Menino Jesus nú. Este tem na cabeça tem um Resplendor estriado e dourado Na mão esquerda exhibe o globo terrestre, tendo a mão direita no peito. O Menino é fixado por intermédio de arame que sai do livro. O Santo assenta em base tipo peanha hexagonal. A peanha está dividida por linha vermelha em cada um dos lados do hexágono, o qual tem fundo ocre e decoração com motivos vegetalistas em cada um desses mesmos lados.

Nota: Nesta Figura, na mão direita, falta a flor que alguns modelos mais antigos têm.



Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Século XVII.

Nossa Senhora de Pé [Nossa Senhora da Conceição], Mariano da Conceição, sd

Descrição: Figura feminina de pé, designada por “Nossa Senhora da Conceição”. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e longo. Na cabeça, para além do véu amarelo de bordo com traços amarelos e azuis, está a coroa dourada de Rainha de Portugal e Rainha dos Anjos e Santos. Tem brincos dourados. Veste túnica amarela, com pregas, tendo motivos de flores estilizadas como decoração. A gola é dourada, sendo o fundo interior da capa vermelho e o exterior da mesma azul celeste. As mãos estão em posição de oração e por entre o braço esquerdo e o tronco passa uma parte da capa, como se Nossa Senhora a estivesse a segurar. Entre a base e a figura está uma meia lua e uma serpente (à direita), elementos próprios da evocação de Nossa Senhora da Conceição. Assenta a peça em base tipo peanha, de frente convexa e cortada nas costas para melhor exposição no Nicho. O topo da peanha é vermelho, o corpo convexo expõe três Querubins, é verde com tracejado branco, sendo a base ocre, verde e vermelha, a mesma decoração utilizada no filete que separa o topo do corpo desta peanha.

Localização: Museu Rural de Estremoz



Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Século XVII/XVIII

Nossa Senhora de Pé [Nossa Senhora da Conceição], Mariano da Conceição, sd

Descrição: Figura feminina de pé, designada por “Nossa Senhora da Conceição”. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e longo. Na cabeça tem uma coroa dourada de Rainha de Portugal e Rainha dos Anjos e Santos. Tem brincos dourados. Veste túnica azul, com pregas, tendo motivos de flores estilizadas como decoração. A gola é dourada, sendo o fundo interior da capa vermelho e o exterior da mesma azul celeste. As mãos estão em posição de oração e por entre o braço esquerdo e o tronco passa uma parte da capa, como se Nossa Senhora a estivesse a segurar. Entre a base e a figura está uma meia lua e uma serpente (à direita), elementos próprios da evocação de Nossa Senhora da Conceição. Assenta em base tipo peanha, de frente convexa e cortada nas costas para melhor exposição no Nicho. O topo da peanha é vermelho, o corpo convexo expõe três Querubins, é verde com tracejado branco, sendo a base ocre, verde e vermelha, a mesma decoração utilizada no filete que separa o topo do corpo desta peanha.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Século XVII/XVIII



Nossa Senhora Ajoelhada, Sabina da Conceição Santos, sd

Descrição: Figura feminina ajoelhada designada por “Nossa Senhora ajoelhada”, que evoca Maria no Presépio. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e longo. Na cabeça, para além do véu branco de bordo pintado com traços dourados, que se sobrepõe ao longo cabelo castanho, está a coroa dourada de Rainha dos Anjos e Santos. Tem brincos, gola e punhos dourados. Veste túnica amarela, com pregas, tendo motivos de flores estilizadas como decoração. O fundo interior da capa é vermelho, sendo que o exterior da mesma é azul celeste. As mãos estão em posição de oração e por entre o braço esquerdo e o tronco passa uma parte da capa, como se Nossa Senhora a estivesse a segurar, modelo típico da evocação da Conceição na barrística de Estremoz, numa adaptação idealizada por Mestre Mariano da Conceição. Assenta a peça em base grossa, estriada, oval, pintada de laranja com traços dourados e verdes como decoração.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Século XVIII esta temática. Anos 60 do século XX a atual forma de representação, a qual foi provavelmente produzida e idealizada por Sabina da Conceição Santos.



São João, Sabina da Conceição Santos, sd

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina de pé designada por *São João* e uma Figura zoomórfica denominada de *Cordeiro*, o qual se intitula de *São João*. O Santo tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Na cabeça exhibe resplendor estriado e dourado. O Santo tem vestido um traje castanho que imita a pele, por intermédio de um picotado em toda a veste. Os bordos da roupa no tronco e ombrossão em “V” invertido, e pintados de preto com pontos vermelhos e ao centro do tronco apresenta laço com as mesmas cores. Na perna esquerda ergue-se um Cordeiro branco com malhas pretas, com as patas dianteiras apoiadas no Santo e as traseiras em cima de peça tipo tronco, de cor verde com traço grosso branco. A mão esquerda da Figura repousa sobre o cachaço do Cordeiro e a esquerda segura uma bandeira vermelha, que é de barro e o cabo é de arame. O pé esquerdo está sobre livro de capa vermelha e páginas brancas. A base é de fundo verde com decoração realizada por intermédio de grossos traços a branco. Umas folhagens correm o bordo superior. A base é redonda, do tipo peanha simples.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Século XVII/XVIII



São João com Flores, Sabina da Conceição Santos, sd

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina de pé designada por *São João* e uma Figura zoomórfica denominada de *Cordeiro*, o qual se intitula de *São João*. O Santo tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Na cabeça exhibe resplendor estriado e dourado. O Santo tem vestido um traje castanho escuro que imita a pele, por intermédio de um picotado em toda a veste. Os bordos da roupa no tronco e ombrossão em “V” invertido, estando os dos ombros levantados, pintados de preto com pontos vermelhos e ao centro do tronco apresenta laço com as mesmas cores. A gola também se apresenta levantada, tendo a mesma decoração e pintura dos bordos. Na perna esquerda ergue-se um Cordeiro branco com malhas pretas, com as patas dianteiras apoiadas no Santo e as traseiras em cima de peça tipo tronco, de cor verde com traço grosso branco. A mão esquerda da Figura repousa sobre o cachaço do Cordeiro e a esquerda segura uma bandeira vermelha, que é de barro e o cabo é de arame. O pé esquerdo está sobre livro de capa vermelha e páginas brancas. Na face posterior da base erguem-se três grandes ramos com folhagens verdes e terminação em flores de núcleo vermelho. A base



é de fundo verde com decoração realizada por intermédio de grossos traços a branco. Três folhagens verdes correm o bordo superior frente. A base é redonda, do tipo peanha simples.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Século XVII/XVIII

Pastor ajoelhado, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de joelhos, designada *Pastor ajoelhado*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Veste de modo tradicional alentejano, camisa branca, com pregas, de colarinho alto de pontas dobradas, mangas azuis, pelico castanho e picotado para imitar a pele de ovino, calças castanhas e botas castanho claro. Tem o chapéu preto de aba larga e copa redonda encostado às pernas e mãos unidas em adoração. A base é retangular, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII, associada a Presépio.



Pastor ajoelhado com Borrego, EIAAG, 1941

Descrição: Conjunto composto por uma Figura masculina de joelhos designada por *Pastor ajoelhado* e Figura zoomórfica deitada denominada de *Borrego*, o qual se intitula de *Pastor ajoelhado com Borrego*. O Pastor tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e tem grandes suíças. Veste de modo tradicional alentejano, camisa branca, com pregas, de colarinho alto, mangas azuis, pelico castanho e picotado para imitar a pele de ovino, calças azuis e botas castanhas. Ao ombro esquerdo tem manta amarela com riscas coloridas no bordo e centro. Tem os braços fletidos com as mãos abertas em adoração. À frente tem oferenda para o Menino Jesus, que consiste num Borrego de patas presas, branco e de malhas pretas. A base é retangular, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII, associada a Presépio.



Pastor Ofertante, Sabina da Conceição Santos, sd

Descrição: Conjunto composto por uma Figura masculina de pé, designada por *Pastor Ofertante* e Figura zoomórfica denominada de *Cabrito*, o qual se intitula de *Pastor Ofertante*. O Pastor tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga voltada para cima. Veste de modo tradicional alentejano, camisa branca com pregas e colarinho alto, mangas azuis, pelico castanho e picotado para imitar a pele de ovino, calças castanhas escuras e botas castanhas. No ombro esquerdo tem manta de fundo azul com traços vermelhos e pretos em toda a peça. Nas mãos segura pelas patas um cabrito, e na mão esquerda, no punho, tem um tarro com pega de arame. Assenta em base quadrada, de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII, associada a Presépio.



Ofertante das Pombas, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina de pé designada por *Ofertante das Pombas* e três Figuras zoomórficas denominadas de *Pombas*, o qual se intitula de *Ofertante das Pombas*. O Pastor tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga voltada para cima e copa redonda. Veste de modo tradicional alentejano, camisa com pregas, branca, de colarinho alto, mangas azuis, pelico castanho e picotado para imitar a pele de ovino, calças castanhas escuras e botas castanho claro. No ombro esquerdo tem pendurada uma manta branca com traços laranjas e azuis. Segura nas mãos um cesto com decoração geometrizada a vermelho e verde, com três Pombas dentro. Assenta em base quadrangular, de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Devoção

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII, associada a Presépio.



Pregadeira/Gancho de Meia: Nossa Senhora, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Pregadeira de uma Figura feminina, designado por *Nossa Senhora*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem véu e túnica azul e sapatos pretos. As mãos estão em posição de adoração. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Devoção

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram *cinco reis por cabeça*.⁶¹ Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão, Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*.⁶² Provável origem no século XIX.

A Figura *Nossa Senhora* será inovação da segunda metade dos anos 30 do século XX, a qual foi

⁶¹ CHAVES, Luís, 1917, *Arte Popular do Alentejo – Os ganchos de meia de barro d' Estremoz*, Porto, in *Separata da Águia*, n.º 67-68, sp.

⁶² PESSANHA 1916, pp. 106.



produzida por Ti Ana das Peles e idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.

TEMA: MUNDO URBANO

Aguadeiro, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto com Figura masculina de pé, designada por *Aguadeiro*, e por Figura zoomórfica denominada de *Burro*, o qual se intitula de *Aguadeiro*. O Aguadeiro tema a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Veste chapéu preto de aba longa lateralmente voltada para cima e copa redonda, tem casaco azul e calça castanha. A mão direita segura vara de condução dos animais. Segue atrás de um *Burro* com albarda, na qual se transportam 4 cântaros de metal. O animal é cinzento, malhado de preto nas patas e com arreios castanhos. Assenta sobre base retangular, verde, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves).



Amazona, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por Figura feminina montada designada por *Amazona* e por Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o que se intitula de *Amazona*. A *Amazona* tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Veste chapéu preto de abas largas com motivo policromado à frente, brincos, cinto, lenço e bordo do vestido amarelos, sendo esse mesmo vestido preto com botões laranjas. A Figura está montada de lado, em cavalo castanho claro, malhado a preto nas patas e com arreios castanhos. Tem as mãos nas pernas. Assenta em base quadrada, verde, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves).



Mulher a passar a Ferro, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Mulher a passar a Ferro*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Usa brincos amarelos. Tem vestido cor de rosa de gola azul. Executa a tarefa doméstica de passar a Ferro uma peça de roupa, sobre mesa quadrada de tampo branco e quatro pés castanhos. Assenta sobre base verde, retangular, pontilhada de cores variadas.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Mulher a Dobar, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina sentada numa cadeira, designada por *Mulher a Dobar*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Usa brincos amarelos. Tem vestido cor de laranja, com lenço, botões, cinto e bordo com traço de cor verde.

Executa a tarefa de dobar com recurso à dobadeira, que foi realizada em arame e barro. O instrumento dobadeira tem pintas laranjas e verdes, sobre branco. Assenta sobre base verde, retangular, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano/Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX.



Mulher a vender Café, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Mulher a vender Café*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Usa brincos amarelos. Tem vestido verde, com gola, punhos, botões e cinto laranja, e no bordo do vestido possui ainda traços azuis e brancos. Está a vender café junto a uma mesa redonda com três pés, tendo a mão direita numa cafeteira e a esquerda junto de três chávenas com o respetivo pires. Na mesma mesa está um açucareiro e três bolinhos redondos. O serviço é branco, com pintas azuis (exceto chávenas) e bordos da mesma cor. A mesa tem tampo creme, sendo o restante castanho. Assenta sobre base verde, retangular, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Mulher das Castanhas, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina sentada numa cadeira, designada por *Mulher das Castanhas*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço. Usa brincos amarelos. Tem vestido azul, sendo de cor de laranja o lenço, cinto, botões, punhos e bordo da veste. Está a vender castanhas assadas, as quais estão num recipiente que segura nas mãos.

À sua frente tem um assador desse fruto e uma tigela grande cheia de castanhas já assadas. Assenta sobre base verde, retangular, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Cavaleiro, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina designado por *Cavaleiro*, e Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Cavaleiro*. A Figura masculina na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga e copa redonda alta. Veste casaco preto, com botões e bordo da gola amarelos. Tem calças brancas e calça botas pretas. Tem as mãos sobre as suas calças na área das ancas. Está montado num cavalo castanho, de malhas pretas nas patas, com arreios castanhos e manta laranja de bordos amarelos. Assenta em base quadrada, pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Mulher a lavar [Mulher a lavar a roupa], Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de joelhos, designada por *Mulher a lavar*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Tem chapéu preto de aba larga lateralmente voltada para cima e copa ligeiramente metida para dentro. Usa brincos amarelos. Tem vestido de cor azul com lenço, botões, punhos, cinto e bordo laranjas. Executa a tarefa de lavar roupa num tanque alto e redondo, da cor do barro natural mas com escorrimentos que simulam desperdícios do sabão da lavagem. Neste para além da pedra estriada para esfrega da roupa, está também um sabão sobre pano e a Mulher está a torcer a peça de roupa que lava. Assenta numa base retangular, com as arestas superiores cortadas, sendo de cor verde, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano/Rural

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII esta temática (associada a Presépio), e entre finais do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX a atual forma de representação.



Senhora ao Espelho, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Senhora ao Espelho*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Usa brincos amarelos. Tem vestido cor de rosa, com bordo verde e laranja e gola também laranja. A Senhora tem as mãos sobre a base do Toucador, de frente para o espelho, que é quadrado, estando seguro num suporte amarelo, a mesma cor utilizada no tampo do Tocador. Sobre a base estão um pente, escova e caixa guarda joias. Os pés deste móvel são três e têm a cor castanha. Assenta numa base retangular, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Senhora de Pezinhos [Dama dos Pezinhos], Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Senhora de Pezinhos*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Tem chapéu azul de aba larga e copa redonda, estando ligeiramente caído para a esquerda. Usa brincos amarelos. Tem vestido laranja, com gola azul com pintas branca e um grande botão. Os botões pequenos, punhos e cinto são também verdes, tendo o bordo para além do traço azul a toda a volta, uns riscos brancos e azuis como decoração. Tem as mãos na anca.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Leiteiro, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de pé, designada por *Leiteiro*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga voltada para cima e copa redonda. Veste de modo tradicional alentejano, camisa com pregas, branca, de colarinho alto com pontas dobradas, mangas azuis, pelico e safões castanhos e picotados para imitar a pele de ovino e botas castanho claro. Na mão direita segura um cântaro cinzento metal e na direita funis e medidas para o leite na mesma cor do cântaro. Assenta em base quadrangular de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano/Mundo Rural

Origens históricas: Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves).



Sargento, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de pé, designada por *Sargento*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem barrete azul com lista amarela que cai para a esquerda da cabeça. A farda é composta por casaco militar azul, com cinto branco e um cinturão tipo faixa disposto na oblíqua a partir do ombro esquerdo. O bordo do casaco e punhos são laranjas e os botões amarelos. No colarinho tem inscrito o número “1”, numa alusão ao Regimento. As calças são azuis e calça botas pretas. Tem as mãos apoiadas na área das ancas. Assenta em base quadrada, de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX. Figurado primitivamente inserido no Presépio⁶³.

63 CHAVES 1925, pp. 86.



Sargento no Jardim, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina sentada designada por “*Sargento no Jardim*”. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem barrete azul com lista laranja que cai para a esquerda da cabeça. A farda é azul, com colarinho, bordo do casaco e punhos laranjas, tendo os botões amarelos. Calça sapatos pretos. Tem as mãos apoiadas nas pernas. A Figura está sentada num arame, e assenta num tipo de “taça” que é um pequeno jardim, com pé de cor castanho e com decoração realizada por incisões. O corpo da “taça” é formado por um murete de rolinhos dobrados e flores estilizadas policromas.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX. Figurado primitivamente inserido no Presépio⁶⁴.

64 CHAVES 1925, pp. 86.



Lanceiro, Liberdade da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina montada designada por *Lanceiro*, e por Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Lanceiro*. O Lanceiro tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem capacete azul com penacho branco e lista amarela. A farda é composta por casaco militar azul, com galões amarelos, cinto branco e um cinturão tipo faixa disposto na oblíqua a partir do ombro esquerdo. O bordo do casaco e punhos são laranjas e os botões amarelos. No colarinho tem inscrito o número “3”, numa alusão ao Regimento. As calças são azuis e calça botas pretas. Está montado num cavalo castanho, de malhas pretas nas patas, com arreios castanhos escuros e manta laranja de bordos amarelos. Tem as mãos na anca. Assenta em base quadrada, de ângulos cortados, pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX. Figurado primitivamente inserido no Presépio⁶⁵.

65 CHAVES 1925, pp. 86.



Lanceiro com Bandeira, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina montada designada por *Lanceiro*, e por Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Lanceiro com Bandeira*. O Lanceiro tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem capacete azul com penacho branco e lista amarela. A farda é composta por casaco militar azul, com galões amarelos, cinto branco e um cinturão tipo faixa disposto na oblíqua a partir do ombro esquerdo. O bordo do casaco e punhos são laranjas e os botões amarelos. No colarinho tem inscrito o número “3”, numa alusão ao Regimento. As calças são azuis e calça botas pretas. Está montado num cavalo cinzento, de malhas pretas nas patas, com arreios castanhos e manta laranja de bordos amarelos. Tem a mão esquerda na anca e a direita segura bandeira amarela e laranja com vara de metal.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX. Figurado primitivamente inserido no Presépio⁶⁶.

66 CHAVES 1925, pp. 86.



Peralta, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de pé, designada por *Peralta*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto, de aba larga lateralmente voltada e copa metida para dentro. Veste um casaco que é castanho claro com lapela e botões castanho escuro, usa camisa branca e gravata vermelha, as calças são também castanhas claras e os sapatos pretos. A Figura tem as mãos no casaco, área da anca. Assenta em base quadrada, de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves).



Homem do Harmónio, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina de pé, designada por *Homem do Harmónio*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu laranja de aba larga e copa redonda alta. Veste um casaco azul escuro com lapela verde, usa camisa branca e gravata vermelha, sendo as calças azuis escuras e os sapatos pretos. A Figura tem as mãos no harmónio, que é policromado. Assenta em base quadrada, de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Urbano

Origens históricas: Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves).



Figura de Assobio: Peralta, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio com uma Figura masculina de, pé designada por *Peralta*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu vermelho de aba larga que cai para a esquerda da cabeça. Veste traje azul claro e tem colarinho, botões e punhos vermelhos. Tem as mãos apoiadas na área das ancas. A Figura está apoiada em rolo branco de barro. Assenta em Assobio é branco com pintas de diversas cores, tem secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Figura de Assobio: Peralta a Cavalo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto constituído por uma Figura masculina montada designada por *Peralta*, e uma Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Peralta a Cavalo*. O Peralta tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu de aba larga e amarelo que cai para a esquerda da cabeça. Veste de castanho escuro e o colarinho, botões e punhos são amarelos. Tem as mãos apoiadas na área das ancas e calça botas pretas. Está montado num Cavalo castanho claro, de malhas pretas nas patas e os arreios pintados de castanho escuro. Este funciona como assobio, dado que na cauda do Cavalo estão os dois furos que permitem a emissão de som. Assenta em base quadrada pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Figura de Assobio: Sargento, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio com uma Figura masculina de pé, designada por *Sargento*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem barrete azul com lista laranja que cai para a esquerda da cabeça. A farda é azul, com colarinho, bordo do casaco e punhos laranjas, tendo os botões amarelos. Tem as mãos apoiadas na área das ancas e calça botas pretas. A figura está apoiada em rolo branco de barro. Assenta em Assobio branco com pintas de diversas cores, tem secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Figura de Assobio: Sargento a Cavallo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto constituído por uma Figura masculina montada designada por *Sargento*, e uma Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Sargento a Cavallo*. O Sargento tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem barrete azul com lista laranja que cai para a esquerda da cabeça. Veste farda azul, com colarinho, bordo do casaco e punhos laranja, tendo os botões amarelos. Tem as mãos apoiadas na área das ancas e calça botas pretas. Está montado num Cavalo castanho claro, de malhas pretas nas patas e os arreios pintados de castanho escuro. Este funciona como assobio, dado que na cauda do Cavalo estão os dois furos que permitem a emissão de som. Assenta em base quadrada pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Figura de Assobio: Senhora, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio com uma Figura feminina de pé designada por *Senhora*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu azul de aba larga que cai para a esquerda da cabeça. Tem vestido laranja e tem lenço, botões e punhos azuis. Tem as mãos apoiadas nas ancas. A Figura está apoiada em rolo branco de barro. Assenta em Assobio branco com pintas de diversas cores, tem secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Figura de Assobio: Amazona, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto constituído por uma Figura feminina montada designada por *Amazona*, e uma Figura zoomórfica denominada de *Cavalo*, o qual se intitula de *Amazona*. A Amazon tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu laranja de aba larga que cai para a esquerda da cabeça. Tem vestido azul claro e o colarinho, botões e punhos são em azul escuro. Tem as mãos apoiadas na área das ancas. Está montada num Cavalo castanho claro, de malhas pretas nas patas e os arreios pintados de castanho escuro. Este funciona como assobio, dado que na cauda do Cavalo estão os dois furos que permitem a emissão de som. Assenta em base quadrada pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Urbano

Origens históricas: Século XIX.



Pregadeira/Gancho de Meia: Peralta (ou Paisano), Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Pregadeira de uma Figura masculina, designada por *Peralta*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu laranja que cai para a esquerda da cabeça. Veste traje rosa com lenço, botões e punhos azuis, tendo sapatos pretos. A Figura tem as mãos na anca. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. M.^a de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Mundo Urbano

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram “cinco reis por cabeça”.⁶⁷ Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão, Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*⁶⁸. Provável origem no século XIX.

67 CHAVES 1917, sp.

68 PESSANHA 1916, pp. 106.



Pregadeira/Gancho de Meia: Padre, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Pregadeira de uma Figura masculina, designado por *Padre*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é preto. Tem barrete clerical de três pontas, preto, com borla branca em cima. Veste batina preta com botões e punhos brancos, tendo sapatos pretos. A Figura tem as mãos na anca. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. M.^a de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Mundo Urbano

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram “cinco reis por cabeça”.⁶⁹ Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão, Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*⁷⁰. Provável origem no século XIX.

69 CHAVES 1917, sp.

70 PESSANHA 1916, pp. 106.



Pregadeira/Gancho de Meia: Senhora de Pezinhos [Dama dos Pezinhos], Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Pregadeira de uma figura feminina, designado por *Senhora dos Pezinhos*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu amarelo que cai para a esquerda da cabeça. Tem vestido laranja com lenço, botões e punhos azuis, tendo sapatos pretos. A figura tem as mãos na anca. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. M.^a de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Mundo Urbano

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram “cinco reis por cabeça”.⁷¹ Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão, Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*⁷². Provável origem no séc. XIX.

71 CHAVES 1917, sp.

72 PESSANHA 1916, pp. 106.



Pregadeira/Gancho de Meia: Sargento, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Pregadeira de uma figura masculina, designado por *Sargento*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem barrete azul com lista vermelha que cai para a esquerda da cabeça. Veste farda azul com lenço, botões e punhos vermelho, tendo sapatos pretos. A Figura tem as mãos na anca. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Mundo Urbano

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram “cinco reis por cabeça”.⁷³ Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão, Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*⁷⁴. Provável origem no século XIX.

73 CHAVES 1917, sp.

74 PESSANHA 1916, pp. 106.



Pregadeira/Gancho de Meia: Freira [Freira de Malta], EIAAG, 1941

Descrição: Pregadeira de uma Figura feminina, designado por *Freira*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem véu e túnica pretos com traços amarelos no bordo do véu e dispostos lateralmente na túnica. A Figura tem as mãos em posição de oração. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Mundo Urbano

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram “cinco reis por cabeça”.⁷⁵. Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão, Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*⁷⁶. Provável origem no século XIX.

75 CHAVES 1917, sp.

76 PESSANHA 1916, pp. 106.



Pregadeira/Gancho de Meia: Senhora, EIAAG, 1941

Descrição: Pregadeira de uma Figura feminina, designado por *Senhora*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu laranja. Tem vestido laranja com lista azul na saia, tendo lenço, botões e punhos azuis. A Figura tem as mãos na anca. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Mundo Urbano

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram “cinco reis por cabeça”.⁷⁷. Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão, Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*⁷⁸. Provável origem no século XIX.

77 CHAVES 1917, sp.

78 PESSANHA 1916, pp. 106.



Pregadeira/Gancho de Meia: Sacristão, EIAAG, 1941

Descrição: Pregadeira de uma Figura masculina, designado por *Sacristão*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem barrete redondo, preto, com borla preta em cima. Veste batina preta e sobrepeliz branco. A Figura tem as mãos no peito. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Mundo Urbano

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram “cinco reis por cabeça”.⁷⁹. Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão, Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*⁸⁰. Provável origem no século XIX.

⁷⁹ CHAVES 1917, sp.

⁸⁰ PESSANHA 1916, pp. 106.



TEMA: MUNDO RURAL

Mulher das Galinhas, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por uma Figura feminina de pé designada por *Mulher*, e três Figuras zoomórficas denominadas de *Galinhas*, o qual se intitula de *Mulher das Galinhas*.

A Mulher tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Usa brincos amarelos. Tem vestido onde o topo é azul, com lenço, botões e punhos vermelhos, e a saia é laranja com bordo pintado com traços amarelos e brancos. Executa a tarefa de pastar três Galinhas, as quais são brancas, com pintas e riscos pretos nas asas e cauda, tendo crista e barbela laranja. Ao mesmo tempo fia com recurso a fuso de arame e barro. Assenta sobre base verde, retangular, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII esta temática (associada a Presépio), e segunda metade dos anos 30 do século XX a atual forma de representação, a qual produzida por Ti



Ana das Peles é idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.

Mulher dos Enchidos, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina sentada numa cadeira, designada por *Mulher dos Enchidos*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e está tapado por lenço vermelho com pintas brancas na cabeça. Usa brincos e lenço amarelo. Tem vestido verde com botões e bordo amarelo. Executa o trabalho rural de enchimento de tripa, para produção de chouriços, estando já alguns, com recurso a um arame dobrado, dispostos sobre suporte também de arame. O enchimento é realizado sobre um alguidar e utilizando uma enchedeira. Tem mãos e vestido sujos de sangue. Asenta sobre base verde, retangular, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX.



Mulher dos Perú, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por uma Figura feminina de pé designada por *Mulher*, e duas Figuras zoomórficas denominadas de *Perús*, o qual se intitula de *Mulher dos Perú*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Na cabeça tem cesto com ovos, pintado com traços verdes e laranja. Usa brincos amarelos e lenço azul escuro. Tem vestido onde o topo é azul claro, com lenço, botões e punhos em azul escuro, e a saia é laranja com bordo pintado com traços em azul e branco. Executa a tarefa de pastar um casal de perús pretos, com pintas brancas e cabeça vermelha. Ao mesmo tempo fia com recurso a fuso de arame e barro. Assenta sobre base verde, retangular, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. M.ª de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII esta temática (associada a Presépio), e segunda metade dos anos 30 do século XX a atual forma de representação, a qual produzida por Ti Ana das Peles e idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.



Mulher dos Carneiros, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por uma Figura feminina de pé designada por *Mulher*, e duas Figuras zoomórficas denominadas de *Carneiros*, o qual se intitula de *Mulher dos Carneiros*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho com troço atrás. Na cabeça tem cesto com ovos, pintado com traços azuis e laranja. Usa brincos amarelos e lenço azul escuro. Tem vestido onde o topo é laranja, com lenço, botões e punhos azuis, e a saia é verde com bordo pintado com traços laranjas e brancos. Executa a tarefa de pastar um par de carneiros brancos com pintas castanhas. Ao mesmo tempo fia com recurso a fuso de arame e barro. Assenta sobre base verde, retangular, pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII esta temática (associada a Presépio), e segunda metade dos anos 30 do século XX a atual forma de representação, a qual produzida por Ti Ana das Peles e idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.



Mulher a vender Chouriços, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de joelhos, designada por *Mulher a vender Chouriços*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e está tapado por lenço verde com pintas brancas. Usa brincos amarelos. Veste vestido azul e aos ombros tem pequeno xaile laranja decorado com traços brancos e amarelos no bordo. Executa a tarefa de vender chouriços, tendo à sua frente um alguidar de barro com alguns e um em cada uma das mãos. O fio dos chouriços foi produzido com recurso a um pedaço de arame. Assenta em base do tipo prancha sem arestas, estando pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade da década de 30 do século XX, produzida por Ti Ana das Peles e foi idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.



Mulher da Azeitona, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Mulher da Azeitona*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e está tapado por lenço verde com pintas brancas, que por sua vez tem por cima chapéu preto de aba larga lateralmente voltada para cima e copa redonda. Usa brincos amarelos. Veste traje tradicional de azeitoneira alentejana, com camisa verde com botões laranjas, calções amarelos, meias vermelhas e avental branco com bordo azul e vermelho, as mesmas cores que estão pintadas nos bolsos. Aos ombros tem lenço laranja com traços brancos no bordo. Calça botas castanhas. Encostado à anca, seguro pelo braço esquerdo, tem um cesto para a apanha e braço direito segura uma manta preta. Assenta em base quadrada de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade da década de 30 do século XX, produzida por Ti Ana das Peles e foi idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.



Ceifeira, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Ceifeira*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e está tapado por lenço vermelho com pintas brancas, que por sua vez tem por cima chapéu amarelo, para imitação de palha, tendo aba larga e copa alta. Usa brincos amarelos. Veste traje tradicional de ceifeira alentejana, com camisa azul com botões laranjas, calções vermelhos, meias ocre e avental verde com bordo branco e vermelho, as mesmas cores que estão pintadas nos bolsos. Aos ombros tem lenço ocre com traços vermelhos no bordo. Calça botas castanhas. No braço direito tem uma manta preta e na mão uma foice, segurando na mão esquerda um Tarro, com pega de arame. Assenta em base quadrada de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade da década de 30 do século XX, produzida por Ti Ana das Peles e foi idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.



Pastor a Comer, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina sentada, designado por *Pastor a Comer*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga voltada para cima e copa redonda. Traja de modo tradicional alentejano, camisa branca, com pregas, de colarinho alto de pontas dobradas, mangas azuis, pelico castanho e picotados para imitar a pele de ovino, calças e botas castanhas. O Pastor está sentado no chão sob um sobreiro estilizado com bolotas e pouca folhagem, a comer de um tarro suportado por madeiro. Na mão direita tem colher com cabo arame e concha de barro. Assenta em base retangular, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII, associada a Presépio.



Pastor com um Borrego, Escola Industrial António Augusto Gonçalves (EIAAG), 1941

Descrição: Conjunto composto por uma Figura masculina de pé designada por *Pastor*, e uma Figura zoomórfica denominada de *Borrego*, o qual se intitula de *Pastor com um Borrego*. O Pastor tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga voltada para cima e copa redonda. Traja de modo tradicional alentejano, camisa branca, com pregas, de colarinho alto de pontas dobradas, mangas azuis, pelico e safões castanhos e picotados para imitar a pele de ovino e botas castanho claro. No ombro esquerdo carrega um Borrego seguro pelas patas dianteiras. Tem cajado na mão direita. Assenta em base quadrada, de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Século XVIII/XIX, associada a Presépio.



Pastor com dois Borregos, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por uma Figura masculina de pé designada por *Pastor*, e duas Figuras zoomórficas denominadas de *Borregos*, a qual se intitula de *Pastor com dois Borregos*. O Pastor tem a face, os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga voltada para cima e copa redonda. Traja de modo tradicional alentejano, camisa branca, com pregas, de colarinho alto de pontas dobradas, mangas azuis, pelico e safões castanhos e picotados para imitar a pele de ovino e botas castanho claro. No ombro esquerdo tem manta branca com traços de diversas cores no bordo. Tem cajado na mão direita. À frente estão dois borregos deitados, de cor branca com malhas pretas. Assenta em base retangular, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII esta temática do Pastor com cajado e manta ao ombro ou manta, tarro e a segurar um cabrito



como oferta ao Menino Jesus (associada a Presépio). Segunda metade dos anos 30 do século XX a atual forma de representação que inclui o tarro, manta, cajado e cabritos aos pés do Pastor, a qual foi produzida por Ti Ana das Peles e idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.

Pastor das Migas, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina sentada, designada por *Pastor das Migas*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem barrete vermelho com lista verde e borla da mesma cor. Traja de modo tradicional alentejano, camisa branca, com pregas, de colarinho alto de pontas dobradas, mangas azuis, pelico castanho e picotados para imitar a pele de ovino, calças e botas castanhas. O Pastor está sentado num banco alto e retangular, pintado de castanho claro, imitando possivelmente a cortiça, a preparar ao lume, numa tijela que está em cima de tripeça preta, umas migas de pão, nas quais mexe com colher realizada em arame. Assenta em base retangular, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII, associada a Presépio.



Pastor do Harmónio, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura masculina sentada, designado por *Pastor do Harmónio*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga voltada para cima e copa redonda. Traja de modo tradicional alentejano, camisa branca, com pregas, de colarinho alto de pontas dobradas, mangas azuis, pelico castanho e picotados para imitar a pele de ovino, calças e botas castanhas. O Pastor está sentado numa tripeça, pintada de castanho escuro, a tocar um Harmónio policromado, o qual sustenta na perna esquerda e segura em ambas as mãos. Assenta em base quadrada, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Entre finais do século XIX e a primeira metade do século XX.



Pastor de Tarro e Manta, Sabina da Conceição Santos, sd

Descrição: Figura masculina de pé, designada por *Pastor do Tarro e Manta*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga voltada para cima e copa redonda, descaído para trás. Traja de modo tradicional alentejano, camisa branca, com pregas, de colarinho alto de pontas dobradas, mangas azuis, pelico e saões castanhos e picotados para imitar a pele de ovino e botas castanho claro. No ombro esquerdo tem manta de fundo preto com traços amarelos e vermelhos. Tem cajado na mão direita, e na mão esquerda segura no antebraço um tarro com pega de arame. Assenta em base quadrada, de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Segunda metade do século XVIII esta temática do Pastor com cajado e manta ao ombro ou manta, tarro e a segurar um cabrito como oferta ao Menino Jesus (associada a Presé-



pio). Segunda metade dos anos 30 do século XX a atual forma de representação que inclui o tarro, manta e cajado do Pastor, a qual foi produzida por Ti Ana das Peles e idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.

Pastores a Merendar, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por duas Figuras masculinas com um joelho no chão designadas por *Pastor* e *Ajuda*, e uma Figura zoomórfica denominada de *Cão*, o qual se intitula de *Pastores a Merendar*. A face de ambos os Pastores tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Têm ambos chapéu preto de aba larga voltada para cima e copa redonda. Trajam de modo tradicional alentejano, com, camisa com pregas, branca, de colarinho alto com pontas dobradas, mangas azuis, tendo o Pastor pelico e safões castanhos picotados para imitar a pele de ovino, e o Ajuda difere por usar calças castanhas escuras. Ambos calçam botas castanho claro. As Figuras estão com o joelho direito no chão, a merendarem de um Tarro, tendo cada um uma colher na mão direita. Junto a ambos está a Figura de um cão branco e um cajado da mesma cor. Assentam em base ovoide, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Anos 40 do século XX, produção de Mariano da Conceição e idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, pro-



vavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.

Matança, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto com duas Figuras masculinas e uma feminina de pé, e uma Figura zoomórfica denominada de Porco, a qual se intitula de “Matança”. As Figuras masculinas na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Na cabeça usam barrete laranja de borla e bordo verde. Vestem roupas azuis de gola branca, botões amarelos, tendo ainda atrás uma pele de borrego à cintura. Um está a matar, com recurso a faca de matança, um Porco castanho e a segurar-lhe o focinho, que está convenientemente atado com corda, e um outro encontra-se a segurar o corpo do animal para que não escape da banca castanha, de quatro pés, onde está deitado. Pelo pescoço do Porco, e banca da matança, escorre sangue. Uma Mulher, de joelhos, está no lado oposto da banca da matança. Esta Figura na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e está tapado por lenço azul com pintas brancas. Usa brincos amarelos. Veste vestido cor-de-rosa com lenço, botões e cinto vermelho. Está a mexer o sangue que sai da jugular do animal, com recurso a uma colher, para não coalhar. Assenta o conjunto numa base semi-redonda, de cor verde e pontilhada de diversas cores.



Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX, associada a Presépio.

Figura de Assobio: Galo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio zoomórfica designada por *Galo*. O Galo é branco, de bico amarelo, crista e barbela laranja, e as suas asas estão definidas com traço preto e pintas da mesma cor. Por sua vez, a cauda ergue-se e possui traços a preto para definição das penas. As patas são de arame. O Galo assenta num Assobio que é branco com pintas de diversas cores, de secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



Figura de Assobio: Galo no Disco, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio zoomórfica designada por *Galo no Disco*. O Galo é branco, de bico amarelo, crista e barbela laranja, e as suas asas estão definidas com traço preto e pintas da mesma cor. Por sua vez, a cauda ergue-se e possui traços a preto para definição das penas. As patas são de arame. O Galo está no centro de um Disco estilizado branco, pintado a traços verdes no bordo, o qual encima tronco cilíndrico. O Disco assenta no Assobio, que é por sua vez branco com pintas de diversas cores, de secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



Figura de Assobio: Galo na Árvore, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio zoomórfica designada por *Galo na Árvore*. O Galo é branco, de bico amarelo, crista e barbela laranja, e as suas asas estão definidas com traço preto e pintas da mesma cor. Por sua vez, a cauda ergue-se e possui traços a preto para definição das penas. As patas são de arame. O Galo está no topo de Árvore estilizada em forma de tronco cilíndrico. A Árvore assenta no Assobio, que é por sua vez branco com pintas de diversas cores, de secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



Figura de Assobio: Galo no Pinheiro, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio zoomórfica designada por *Galo no Pinheiro*. O Galo é branco, de bico amarelo, crista e barbela laranja, e as suas asas estão definidas com traço preto e pintas da mesma cor.

Por sua vez, a cauda ergue-se e possui traços a preto para definição das penas. As patas são de arame. O Galo está no topo de Pinheiro estilizado de tronco branco e folhas verdes que seguem todo o comprimento do tronco. O Pinheiro assenta no Assobio, que é por sua vez branco com pintas de diversas cores, de secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som. Falta nesta peça a crista do Galo.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



Figura de Assobio: Galo no Arco, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio zoomórfica designada por *Galo no Arco*. O Galo é branco, de bico amarelo, crista e barbela laranja, e as suas asas estão definidas com traço preto e pintas da mesma cor. Por sua vez, a cauda ergue-se e possui traços a preto para definição das penas. As patas são de arame. O Galo está no topo de um Arco estilizado branco, que se ergue em forma "U" invertido, com três folhas verdes nos lados. O Arco assenta no Assobio, que é por sua vez branco com pintas de diversas cores, de secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



Figura de Assobio: Cesto com Ovos, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio designada por *Cesto com Ovos*. O Cesto é estilizado, branco, tem a forma de uma taça com arco e tem ovos brancos no interior. O Cesto assenta no Assobio, que é branco com pintas de diversas cores, tem secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



Figura de Assobio: Galinha no Choco, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio zoomórfica designada por *Galinha no Choco*. A Galinha é branca, de bico amarelo, crista e barbela laranja, e as suas asas estão definidas com traço preto e pintas da mesma cor. Por sua vez, a cauda ergue-se e possui traços a preto para definição das penas. A Galinha está no choco num Ninho estilizado branco, em forma de taça, de bordo pintado a laranja e verde, partindo do mesmo bordo um arco de arame com 9 flores polícromas. O Ninho assenta no Assobio, que é por sua vez branco com pintas de diversas cores, de secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



Figura de Assobio: [Galo no] Poleiro, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio zoomórfica designada por [Galo no] *Poleiro*. O Galo é branco, de bico amarelo, crista e barbela laranja, e as suas asas estão definidas com traço preto e pintas da mesma cor.

Por sua vez, a cauda ergue-se e possui traços a preto para definição das penas. As patas são de arame. O Galo está no topo de poleiro estilizado castanho, com duas barras laterais e outras duas perpendiculares.

O Poleiro assenta no Assobio, que é por sua vez branco com pintas de diversas cores, de secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



Figura de Assobio: Pomba, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura de Assobio zoomórfica designada por *Pomba*. A Pomba é branca, de bico amarelo, com lenço azul claro no pescoço e as suas asas estão definidas com traço preto e pintas da mesma cor.

Por sua vez, cauda é baixa e possui traços a preto para definição das penas. As patas são de arame. A Pomba assenta num Assobio que é branco com pintas de diversas cores, de secção redonda e bocal de sopro onde estão os dois furos que permitem a emissão de som.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Assobio - Mundo Rural

Origens históricas: Século XIX



TEMA: CARNAVAL

Cirurgião [hoje, Cirurgião Barbeiro], Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por duas Figuras masculinas de pé, designadas por *Cirurgião*. O *Cirurgião* é a Figura da direita. Este tem óculos de arame sobre nariz proeminente, jaqueta verde, calções amarelos floridos, meias brancas e sapatos pretos. O *Paciente* veste jaqueta amarela florida, colete laranja, camisa branca, gravata azul, calças castanhas com riscas verdes e sapatos pretos. Têm ambos chapéu, sendo o do *Cirurgião* um unicórnio estilizado e o do *paciente* uma barretina redonda. As mãos do *Cirurgião* estão em posição de execução de um sangramento na carótida do *Paciente*, o qual é efetuado por intermédio de instrumento pontiagudo (pedaço de arame dobrado junto da mão), estando o *Cirurgião* protegido por toalha. As mãos do *Paciente* estão nas pernas. Assentam as Figuras numa base de forma quadrangular de arestas arredondadas, creme, circundada de motivos vegetalistas.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: Séc. XIX



Preto a Cavalo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto pela Figura masculina a cavalo, designado por *Preto a Cavalo*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é desproporcionalmente grande. O cabelo é castanho escuro, curto e picotado para se assemelhar a carapinha. Tem chapéu amarelo de aba larga e copa redonda alta, estando a aba frontal virada para cima. Veste casaco laranja, com botões, bordo da gola e punhos amarelos. Tem calças brancas e calça botas pretas. Tem as mãos sobre as suas calças na área das ancas. Está montado num cavalo castanho, de malhas pretas nas patas, com arreios castanhos e manta laranja de bordos amarelos. Assenta em base quadrada, pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: A temática dos negros na barística de Estremoz é das mais debatidas e curiosas. Luis Chaves⁸¹ aponta a origem destas Figuras

81 CHAVES 1916, pp. 12.



nos mascarados de Carnaval. Contudo, como os barristas produziam Figuras do mundo em que viviam, é provável que os negros representassem mesmo pessoas reais da sociedade estremocense, nomeadamente da época em que abundavam escravos e negros alforriados. Estes tinham Irmandade própria na Igreja conventual de São Francisco de Estremoz, a de Nossa Senhora do Rosário. Era comum estas Irmandades organizarem procissões, onde desfilavam negros em danças exóticas e tinham eleitos um Rei e Rainha que com pompa acompanhavam a procissão. É assim bastante provável que a fonte de inspiração dos diversos modelos de negros/negras existentes no Figurado de Estremoz seja esta.

Na segunda metade do século XVIII surge na barística de Estremoz a temática dos negros (alguns mesmo associados a Presépios). Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves) este conjunto *Preto a Cavalo*.

Preta pequena, EIAAG, 1941

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Preta pequena*. Na face tem os olhos e boca pintados e o nariz é grande. O cabelo é castanho, curto e picotado para se assemelhar a carapinha. Usa grandes brincos redondos amarelos. Tem laço laranja na cabeça. A Figura está semi-nua pintada de castanho escuro, vestindo uma saia até ao joelho, laranja e com aplique amarelo a toda a volta. As mãos estão sobre a saia. Assenta numa base verde, redonda e denticulada.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: A temática dos negros na barística de Estremoz é das mais debatidas e curiosas. Luis Chaves⁸² aponta a origem destas Figuras nos mascarados de Carnaval. Contudo, como os barristas produziam Figuras do mundo em que viviam, é provável que os negros representassem mesmo pessoas reais da sociedade estremocense, nomeadamente da época em que abundavam escravos e negros alforriados. Estes tinham Irman-

82 CHAVES 1916, pp. 12.



dade própria na Igreja conventual de São Francisco de Estremoz, a de Nossa Senhora do Rosário. Era comum estas Irmandades organizarem procissões, onde desfilavam negros em danças exóticas e tinham eleitos um Rei e Rainha que com pompa acompanhavam a procissão. É assim bastante provável que a fonte de inspiração dos diversos modelos de negros/negras existentes no Figurado de Estremoz seja esta.

Na segunda metade do século XVIII surge na barística de Estremoz a temática dos negros (alguns mesmo associados a Presépios). Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves) esta Figura *Preta pequena*.

Preta grande [hoje, Preta Florista], Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Preta grande*. Na face tem os olhos e boca e pintadas e o nariz é desproporcionadamente grande. O cabelo é castanho, curto e picotado para se assemelhar a carapinha. Usa brincos redondos amarelos. Tem turbante laranja na cabeça. A Figura está semi-nua pintada de castanho, vestindo uma saia alta, redonda e vermelha com aplique amarelo a toda a volta. Nos ombros expõe 3 flores policromas. Nas mãos segura um cesto retangular, amarelo, com flores. Assenta numa base verde, redonda e denticulada.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: A temática dos negros na barística de Estremoz é das mais debatidas e curiosas. Luis Chaves⁸³ aponta a origem destas Figuras nos mascarados de Carnaval. Contudo, como os barristas produziam Figuras do mundo em que viviam, é provável que os negros representassem

83 CHAVES 1916, pp. 12.



mesmo pessoas reais da sociedade estremocense, nomeadamente da época em que abundavam escravos e negros alforriados. Estes tinham Irmandade própria na Igreja conventual de São Francisco de Estremoz, a de Nossa Senhora do Rosário. Era comum estas Irmandades organizarem procissões, onde desfilavam negros em danças exóticas e tinham eleitos um Rei e Rainha que com pompa acompanhavam a procissão. É assim bastante provável que a fonte de inspiração dos diversos modelos de negros/negras existentes no Figurado de Estremoz seja esta.

Na segunda metade do século XVIII surge na barística de Estremoz a temática dos negros (alguns mesmo associados a Presépios). Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves) esta Figura *Preta grande*.

Frade a Cavallo, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Conjunto composto por Figura masculina a cavalo, designado por *Frade a Cavallo*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu preto de aba larga lateralmente voltada para cima e copa redonda alta. Veste hábito de frade, castanho com decoração laranja no capuz e na área das pernas. Calça botas pretas. Tem nas mãos um odre. Está montado num cavalo branco, de malhas castanhas nas patas, com arreios e manta castanha. Assenta em base quadrada, pintada de verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: Entre finais do século XIX e 1935 (início da produção da Escola Industrial António Augusto Gonçalves). Neste conjunto, o Frade a Cavallo agarrado ao odre do vinho, sobressai como expressão de anticlericalismo, comum à época no universo republicano e que teve grande expressão no Figurado produzido por Bordalo Pinheiro. Foi usado para ridicularizar e assim desacreditar o clero.



Bailadeira pequena, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Bailadeira pequena*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e termina em rolos. Tem na cabeça toucado de cinco pétalas onde duas são de fundo laranja com três riscas brancas, uma de fundo branco com três riscas vermelhas e as restantes de fundo verde com três riscas brancas. Veste vestido laranja, de saia alta com uma dupla linha de folhos verdes, a mesma cor que foi colocada no bordo do topo da veste e do laçarote que tem no pescoço. As calças são brancas e os sapatos pretos. A Figura tem em cada uma das mãos uma pequena cornocópia estilizada de fundo branco, tendo a da direita, que é a maior, traços laranjas e azuis como decoração e a da esquerda pontinhos no topo com estas mesmas cores. Assenta em base redonda, denticulada e de fundo verde.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: Século XIX. A sua semelhança com a *Primavera do Toucado* é evidente, inclusivamente na cornucópia onde era colocada uma vela, a qual na *Bailadeira pequena* está estilizada e sem função.



Bailadeira grande, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Bailadeira grande*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho e termina em rolos. Tem na cabeça toucado de cinco pétalas onde duas são de fundo laranja com três riscas brancas, uma de fundo branco e três riscas vermelhas e as restantes de fundo verde e três riscas brancas. Veste vestido verde, de saia alta com uma dupla linha de folhos laranjas, a mesma cor que foi colocada no bordo do topo da veste e do laçarote que tem no pescoço. As calças são brancas e os sapatos pretos. A Figura tem nos ombros um arco de arame, de volta perfeita, com 12 flores de barro, estilizadas, policromadas, e em cada uma das mãos uma pequena cornocópia, simplificada, de fundo branco, e com traços laranjas e azuis como decoração. Assenta em base redonda, denticulada e de fundo verde.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: Século XIX.



Primavera, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Figura feminina de pé, designada por *Primavera*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho, com troço e está coberto por chapéu amarelo. Usa brincos amarelos. Veste vestido laranja, com folho azul na saia alta, cor utilizada também para os botões, cinto e lenço. Tem calça, ou meias, brancas e botas pretas. Dos seus ombros arranca arco de volta redonda, de arame, com 10 flores policromas. A figura tem as mãos sobre a saia. Assenta em base quadrada, de arestas cortadas, verde e pontilhada de diversas cores.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. M.^a de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: Século XIX. As origens da Figura são incertas, sendo que os exemplares mais antigos são do século XIX. Pela tradição são habitualmente associadas às *Maías*. Ainda durante parte do séc. XX, foi tradição nas áreas rurais, realizar um conjunto de práticas para *Não deixar entrar o Maio*. Estas práticas rituais têm com certeza origens pagãs, sendo efectuadas para que o Mal não entrasse na pessoa, na passagem *mágica* de Abril para Maio. Em diversas zonas do Alentejo, nomeadamente Portalegre, as *Maías* eram celebradas por jovens vestidas de branco e com flores. Porém, a associação não

é pacífica. Já Luis Chaves⁸⁴, para além de adiantar a hipótese das *Maías*, indica que as *Primaveras* provêm das antigas danças carnavalescas. Provavelmente o Boneco mais não será que uma alegoria à estação Primavera, tendo por fonte de inspiração outros modelos com a mesma evocação.

Designam-se por *Primavera* duas peças distintas. Uma caracteriza-se por possuir amplo arco em arame com flores embutidas. Este modo de colocação do arco entende-se por um motivo prático, ou seja, era impossível cozer o arco nas mãos do boneco, sob pena das contrações do barro partirem os braços da peça. Assim, suportado nos ombros, nada acontece, mantendo-se a peça em bom estado. Este modelo, na sua versão oitocentista, tem clara função como Paliteiro segundo se depreende pelos furinhos presentes na cornucópia.

O segundo modelo de *Primavera* não tem arco, e é chamada de *Primavera do Toucado*, pois possui grande chapéu com plumas coloridas. Devido ao colorido da pintura, chegou-se a adiantar que estes Bonecos teriam por inspiração modelos brasileiros, o que não corresponde à sua verdadeira origem. Esta Figura é um *Tocheiro*, cópia popular de esculturas barrocas semelhantes existentes nas Igrejas e casas abastadas, as quais eram usadas nos altares ou nichos para colocar velas.

84 CHAVES 1916, pp. 12.



Amor é Cego/Amor Cego, Sabina da Conceição Santos, sd

Descrição: Figura de Querubim, de pé, designada por *Amor é Cego*. Na face apresenta os olhos vendados com tira azul e branca, tem boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Na cabeça tem chapéu laranja de bico com aplique vermelho em forma de coração. O chapéu é aberto, para permitir a saída do toucado de três plumas verdes. O Boneco apresenta na costas asas vermelhas e nos braços 3 flores onde predominam os azuis, laranja e verdes, as quais descem dos ombros até ao cotovelo. Veste vestido amarelo torrado, com saia rodada com pregas e aplique azul a toda a volta. Calça botas castanhas com cordame castanho escuro a toda a volta. Na mão direita exhibe um Coração vermelho com três flechas da mesma cor espetadas no topo, e na esquerda um ramo de flores policromas sobre base azul em forma de taça. A base é redonda, verde, com calcamentos em toda a superfície.

Localização: Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho

Propriedade: Município de Estremoz

Temática: Carnaval

Origens históricas: Século XIX. A designação de *Amor é Cego* surge pela primeira vez no *Livro de Inventário do Museu Municipal de Estremoz* de 1929. Muitos estudiosos tentam encontrar nesta peça inúmeras fontes de inspiração eruditas, cuja confirmação é tarefa particularmente difícil.

Entendemos contudo que a Figura é simplesmente uma bonita alegoria ao Amor profano, que terá influências em termos de composição de personagens do Teatro ambulante, ou estampas com curiosidades que abundantemente circulavam no século XIX. É interessante verificar-se as semelhanças com personagens como os Anjos dos Bonecos de Santo Aleixo e até com os Anjos da cimalha dos presépios expostos em Maquinetas com Cenas da Natividade de confeção local, para além da clara alusão ao Cúpido (símbolo do Amor Cego profano), observada nas asas vermelhas (cor da luxúria e da paixão), bem como nos olhos vendados e no coração cravejado de setas. Interessante também é a sua similitude em termos e traje e composição com *Anjos Tocheiros* presentes nas Igrejas.



Pregadeira/Gancho de Meia: Palhaço, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Pregadeira de uma Figura masculina, designado por *Palhaço*. Na face tem os olhos, boca e rosetas pintadas e o nariz é uma pequena proeminência. O cabelo é castanho. Tem chapéu de bico laranja, com traços policromos, que cai para a esquerda da cabeça. Veste de palhaço circense laranja com lenço, botões e punhos azuis, tendo sapatos pretos. A Figura tem as mãos na anca. De frente do tronco parte arame dobrado para cima para passar o fio e por trás o mesmo arame está dobrado para baixo para prender na roupa.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz

Temática: Pregadeira/Gancho de Meia - Carnaval

Origens históricas: Referidos por Luís Chaves, que os mandou fazer em 1914 à barrista Gertrudes Rosa Marques. Custaram “cinco reis por cabeça”.⁸⁵ Sebastião Pessanha indica os seguintes modelos: *Senhora, Paisano, Sargento, Freira, Padre, Sacristão,*

*Coração, Pomba, Gallo, Perú e Papagaio*⁸⁶. Provável origem no século XIX.

A Figura *Palhaço* será inovação da segunda metade dos anos 30 do século XX, a qual foi produzida por Ti Ana das Peles e idealizada na Escola Industrial António Augusto Gonçalves, provavelmente pelo diretor da mesma, o escultor José Maria Sá Lemos.

85 CHAVES 1917, sp.

86 PESSANHA 1916, pp. 106.



TEMA: OLARIA ENFEITADA

Cantarinha Enfeitada, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Peça composta por duas partes inteiramente distintas. A realizada pelo oleiro: Cântaro de duas asas abertas e paralelas, bojo saliente, pé côncavo e gargálo estreito que aumenta em diâmetro no bocal e respetivo texto. A realizada pelo barrista: Nas asas estão sobre base redonda verde quatro flores ainda em botão, de pé de arame, e no texto estes mesmos quatro botões estão sobre flor de seis pétalas de núcleo verde e azul. O botão é verde com o núcleo amarelo, vermelho e azul. As asas e o texto são vermelhos, cor do barro. O bojo, decorado em ambas as faces, é de fundo azul com flor branca e vermelha de cinco pétalas ao centro e folhagens verdes e brancas, vermelhas e brancas. A toda a volta é decorado pelos barristas com folho em barro que segue os contornos das duas faces do cântaro, os quais estão pintados de ocre no fundo e traços verdes e vermelhos. O gargálo está pintado de branco e decorado com motivos vegetalistas a toda a volta. O pé tem fundo verde e é pontilhado de branco.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povode Sta. Maria de Estremoz

Temática: Olaria enfeitada

Origens históricas: Século XVII/XVIII. Estas peças são referidas pela primeira vez no séc. XVIII, numa reunião da Câmara Municipal de Estremoz de 10 de Outubro de 1770. Aí entendemos que as barristas adquiriam os púcaros aos oleiros, certamente sem estarem ainda secos, para depois lhes colocarem adereços em barro, como flores e bandas (técnica ainda hoje utilizada). Depois de cozidos eram pintados. De uma peça banal, faziam uma que era um mundo de cores e bom gosto popular. No Museu Municipal de Estremoz existem duas peças, pequenas, da coleção Júlio Maria dos Reis Pereira, que são excelentes exemplos da destreza técnica e gosto das artesãs.

Mariano da Conceição retoma a tradição no séc. XX, no âmbito da Escola das Artes e Ofícios, produzindo excelentes exemplares, dos quais o Museu Rural de Estremoz tem uma série dos anos 40. Este introduz as *Cantarinhas enfeitadas*, que são peças de maiores dimensões que com uma decoração ligeiramente diferente, da qual se destacam as flores abertas e não em botão com é apanágio nos *Pucarinhos enfeitados*, também designados de *Fidalginhos*.

A partir daqui a grande partes dos barristas continuaram a tradição, nomeadamente Sabina da Conceição Santos, Liberdade da Conceição, Maria



Luísa da Conceição, Irmãos Flores e Fátima Estroia. Atualmente os Púcaros e as Cantarinhas enfeitadas adquiriram múltiplas interpretações artísticas, sendo as principais as dos Sargentos sentados no arco e a do Presépio montado no bojo aberto da Cantarinha.

Púcaro Enfeitado/Fidalguinho, Mariano da Conceição, 1948

Descrição: Peça composta por duas partes inteiramente distintas. A realizada pelo oleiro: Púcaro de duas asas abertas e paralelas, bojo saliente, pé côncavo e gargálo largo que aumenta ainda mais em diâmetro no bocal e respetivo texto. A realizada pelo barrista: Nas asas estão sobre base redonda verde quatro flores ainda em botão, de pé de arame, e no texto estes mesmos quatro botões estão sobre flor de seis pétalas de núcleo amarelo e vermelho. O botão é verde com o núcleo amarelo, laranja e azul. As asas e o texto são laranja. O bojo, decorado em ambas as faces, é de fundo azul com flor branca e laranja de cinco pétalas ao centro e folhagens verdes e brancas, laranja e brancas. A toda a volta é decorado pelos barristas com folho em barro que segue os contornos das duas faces do cântaro, os quais estão pintados de ocre no fundo e traços verdes e laranjas. O gargálo está pintado laranja junto do bojo, e decorado com pontos de dois tons de azul. Na área do bocal tem fundo branco, estando decorado com motivos vegetalistas a toda a volta e pontos com dois tons de azul. O pé tem fundo verde e é pontilhado de branco sujo de verde.

Localização: Museu Rural de Estremoz

Propriedade: Casa do Povo de Sta. Maria de Estremoz

Temática: Olaria enfeitada

Origens históricas: Século XVII/XVIII. Estas peças são referidas pela primeira vez no séc. XVIII, numa reunião da Câmara Municipal de Estremoz de 10 de Outubro de 1770. Aí entendemos que as barristas adquiriam os púcaros aos oleiros, certamente sem estarem ainda secos, para depois lhes colocarem adereços em barro, como flores e bandas (técnica ainda hoje utilizada). Depois de cozidos eram pintados. De uma peça banal, faziam uma que era um mundo de cores e bom gosto popular. No Museu Municipal de Estremoz existem duas peças, pequenas, da coleção Júlio Maria dos Reis Pereira, que são excelentes exemplos da destreza técnica e gosto das artesãs.

Mariano da Conceição retoma a tradição no séc. XX, no âmbito da Escola das Artes e Ofícios, produzindo excelentes exemplares, dos quais o Museu Rural de Estremoz tem uma série dos anos 40. Este introduz as *Cantarinhas enfeitadas*, que são peças de maiores dimensões que com uma decoração ligeiramente diferente, da qual se destacam as flores abertas e não em botão com é apanágio nos *Pucarinhos enfeitados*, também designados de *Fidalguinhos*.

A partir daqui a grande parte dos barristas continuaram a tradição, nomeadamente Sabina da Conceição Santos, Liberdade da Conceição, Maria Luísa da Conceição, Irmãs Flores e Fátima Estroia.

Atualmente os Púcaros e as Cantarinhas enfeitadas adquiriram múltiplas interpretações artísticas, sendo as principais as dos Sargentos sentados no arco e a do Presépio montado no bojo aberto da Cantarinha.

DA TÉCNICA E ESTÉTICA

Sobre o modo de produção: modelação, pintura e cozedura

Na história

É do conhecimento comum que o barro é a matéria-prima base do Figurado de Estremoz. Graças à abundância de barro de qualidade em Estremoz, este recurso local era apetecível a ser usado por outros que não apenas os oleiros, e foi o que fizeram os barristas que modelaram as Figuras nos primeiros séculos de estabelecimento desta arte em Estremoz. (fotografia antiga bairro do Outeiro). Uma fonte indica-nos qual o principal local de extração. Numa petição efetuada provavelmente em 1800 (já que a petição foi sujeita a despacho pelo tribunal a 26 de Janeiro de 1801) pelos Mestres e Oficiais de Louça vermelha, liza, vidrada e branca fina das Fabricas de Estremoz à Junta Real do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação, sabemos que sendo proibido o cavar Barro em chão alheio sem Licença de seu dono sempre os Supplicantes desde tempos imemoriais tirarão os Barros precisos para as suas Fabricas de huas terras que existem detraz do Convento de São Francisco pagando a renda anual aos seus Senhorios conforme o costume [4000 reis] (...).⁸⁷ Certamente

⁸⁷ AHE: Livro de registo de Leis e Ordens, 1772 – 1835, fol. 232.



Perspetiva do Bairro do Outeiro, 1894, fotografia de J. Walowsky. Arquivo Fotográfico da Biblioteca Municipal de Estremoz.

que também seria deste barreiro que as oficinas dos barristas retiravam o seu barro, ou compravam aos oleiros o barro já preparado e dali extraído.

Quanto à técnica de modelação, esta não seria diferente da atual⁸⁸, pois percebem-se nas formas a técnica da bola, rolo e placa, mas também que eram vestidas. Neste aspeto nada difere do que hoje acontece. As diferenças que se verificam residem fundamentalmente nas matérias-primas usadas para a pintura e também no modo de cozedura dos Bonecos.

Pela observação das Figuras, podemos verificar que a sua produção era oficial⁸⁹ e colaborativa, ou seja, observa-se em peças que têm saias rodadas, a ação de um oleiro pelo movimento interior que o barro cozido apresenta. Dado isto, os bar-

⁸⁸ Luis Chaves quando estudou na primeira década do século XX a arte bonequeira de Estremoz, também adiantou que a técnica sempre foi a mesma, "As figuras são as mesmas, indefinidamente copiadas umas das outras na sua maneira expressiva. Por isso conservam um certo ar de parentesco as figuras do século anterior e as do princípio, e talvez da primeira metade do século XIX (...) Têm a mesma technica." CHAVES 1916, pp. 12.

⁸⁹ Ainda hoje, na maior parte dos barristas ainda em atividade, o trabalho de confeção de uma Figura é feito por pessoas diferentes, nomeadamente entre a modelação, a pintura e acabamento. Oficinas houve, como a de ouH Sabina da Conceição Santos, José Moreira ou Liberdade da Conceição, em que um Boneco era modelado também por colaboradores ou familiares que trabalhavam com o/a Mestre/a. A pintura e acabamento era também feito por colaboradores ou familiares, mas não pelo Mestre/a da oficina.



Perspectiva do Bairro do Outeiro, 2018.

ristas para além de encomendarem *Cantarinhas* e *Púcaros* crus para posteriormente decorarem⁹⁰, pediriam a colaboração de oleiros para fazerem partes específicas de Figuras, que assim saíam valorizadas e esteticamente mais apelativas⁹¹.

Relativamente às técnicas de pintura, ainda temos poucos dados disponíveis, contudo é de supor que as oficinas dos barristas seiscentistas e setecentistas recorressem, quando as Figuras eram de devoção e mais elaboradas, a pintores de talha e escultura religiosa em madeira, dado que a qualidade da pintura e as técnicas aplicadas conduzem a essa conclusão. A colaboração que nos últimos anos tem sido efetuada com o Centro Hércules da Universidade de Évora, poderá ajudar a cimentar esta ideia.

Desta colaboração, ainda em desenvolvimento, já conseguimos recolher algumas informações. Assim, das amostras recolhidas⁹² sabemos já que

grosso modo até ao século XIX, os barristas usavam pigmentos naturais/minerais⁹³ e artificiais⁹⁴, os quais poderiam ser produzidos pelos próprios ou por pequenas oficinas especializadas. Encontraram-se também vestígios de corantes vegetais usados para imitar a carnação. A camada de preparação para a pintura final do Boneco seria em branco de alvaiade. Muito interessante é o facto do “douramento” de partes do revestimento ser realizado com recurso essencialmente a latão. No século XIX surgem os pigmentos fabricados de forma industrial⁹⁵ e que vieram também a ser usados na pintura das Figuras.

Mas é nas primeiras décadas do século XX que o etnógrafo Luis Chaves⁹⁶ investiga e escreve mais detalhadamente sobre esta temática. Também o alentejanista Celestino David o fez, sendo que este terá mesmo conhecido Mariana Estopa e Gertrudes Rosa Marques, descrevendo, embora muito genericamente, como estas bonequeiras modelavam as Figuras:

armavam o arcabouço, digamos assim, e as rapargas, umas por ganho, e outras por distração,

90 Como concluímos do conteúdo deste documento: *Ata da sessão de 10 de Novembro de 1770*, in “Livro de Atas das Sessões da Câmara Municipal de Estremoz”, 01 de Abril de 1769 a 10 de Março de 1773, fl 86. B/A-40.

91 Não seriam Figuras modeladas apenas por oleiros, já que no Livros das Taxas dos Ofícios a confeção de Figurado nunca aparece descrita, logo era uma produção que não era efetuada por estes mas por outros, neste caso as barristas de Estremoz. Livro das Taxas dos Ofícios de Estremoz/, 1675-1732.

92 Informações prestadas pela Técnica Superior de Conservação e Restauro do Museu Municipal de Estremoz, Dr.ª Ana Fonseca.

93 Por exemplo: castanho de terra siena ou preto de carvão/pó de sapado.

94 Por exemplo: amarelo de Nápoles ou alvaiade.

95 Por exemplo: verde esmeralda e o litopone.

96 CHAVES 1925. CHAVES, 1933.

faziam peças separadas: chapéus, raminhos, arcos de flores, cestinhas, etc., que depois a mestra aplicava no corpo principal⁹⁷.

Já Luís Chaves, em publicação de 1925, registou de modo mais detalhado como a velha artesã Gertrudes Rosa Marques, última da sua linhagem, executava os seus Bonecos, destacando na sua descrição a pintura e envernizamento:

As côres são as mesmas, sempre; só a forma é mais grosseira. Empregam-se o negro, lilás, vermelho, azul, verde, amarelo e branco. Os cabelos são ainda ordinariamente de um ruivo, côr de vinho, como as antigas figuras, olhos negros, carnadura branca, faces rubras, feições fixadas pela tinta, faces de côr disposta em corculos; as mulheres de flores no cabelo ou de lenço apertado atrás, deixando ver grande arrecadas e bons cordões de luxo rico. Uma diferença fazem das antigas, estas figuras: são cobertas de verniz de esmalte, excepto os animais quando se lhes quiere deixar a impressão da lã, pois de contrário são lisos como o traje das figuras, tudo lustrado a verniz. Estas figuras mais modernas diferenciam-se também no tamanho. Enquanto as antigas tem na média 0m,17 de altura, as actuais em geral não passam de 0m,12 a 0m,13.(...)

97 DAVID 1943, pp. 15. Como se verifica, a produção era oficial e não apenas de um barrista.

O processo é ainda e sempre o mesmo; tintas diluídas em óleo, e aplicadas no boneco já cozido, pondo-se-lhes o verniz por cima, logo que seque; côres berrantes (...); anatomia grosseira; figuras pousadas em chapas de barro, pintalgadas, de forma rectangular ou sub-rectangular⁹⁸.

Quanto à modelação e cozedura Luis Chaves, noutra publicação, descreveu que Gertrudes Rosa Marques:

Modelava as figuras lentamente, como o fumador a enrolar com volúpia o cigarro (...); tomava o barro do alguidar, domava-o entre os dedos, tendia-o entre as mãos espalmadas. Os dedos enclavinavam-se em redor dos torsos cilíndricos, a dar-lhes forma, saía o tronco, a que, feitos do mesmo trabalho, iam depois aderir por pressão digital os braços e as pernas.

Só a cabeça era moldada. O molde (...) cavava-se em pedaço semi-esférico de barro compacto; na face côncava estavam gravados os relevos da cara; (...) Quando acabava a série do dia, os bonecos enfileiravam-se pelos bordos dos canteiros, a secar. Depois de secos, iam para o forno."⁹⁹

Quanto à pintura das Figuras e o seu acabamento final, Luís Chaves descreve ainda que "(...) Um a um, a barrista de pincelito gasto em punho, com a mão sempre trémula, pintava-os quási com as

98 CHAVES 1925, pp. 92 e 94 .

99 CHAVES, 1933, pp. 187 a 188.



Isabel Pires a modelar Figura, 2004, fotografia de Hugo A. Guerreiro.

mesmas côres, de tam parcas variantes, como há dez, trinta ou cinquenta anos,-ela tinha então setenta e tal.

A seu lado, as tegelinhas serviam-lhe, humílimas como ela, as tintas que tinha. Preparava-as assim: dissolvi-as em gêma de ovo, dentro de tegelinhas de barro, ajuntando-lhes cola ou gôma, para engrossar a tinta e empastá-la. Aplicava-as depois no barro, bem frio. (...) O pincel corria nas figuras, porque tinha de ser aplicado rapidamente; (...) A última operação que os bonecos sofriam, porque as côres não se fixavam ao forno, estava no envernizamento, também a frio e sem regresso ao forno. A barrista servia-se de três vernizes, consoante o efeito a procurar, porque, no mais corrente objetivo, queria dar brilho às tintas e transparência às côres aplicadas, sem esquecer nem a barateza do produto nem a rapidez da secagem. (...) Aplicado verniz a pincel sôbre as côres já sêcas, ficava o boneco a secar o revestimento final, que lhe dava brilho grosso e tacto pegajoso.

Depois desta operação derradeira, estava a bonecagem pronta para entrar no mercado em feiras, depósitos e lojas, ou para ser enviada a quem fêz a encomenda. (...) ¹⁰⁰

Refere ainda Luis Chaves nessa publicação a decadência da arte e o método de aprendizagem:

100 CHAVES, 1933, pp. 187 a 189.

Já velha nos seus quási noventa anos, e últimamente por muito tempo entrevada, fazia há meia duzia de anos ainda os bonecos de sempre, com o mesmo fim e arte ensinada pelo marido (...). Só de ela ninguém soube aprender (...). Com ela acabará a linha de genealogia artistica dos barristas de Extremós (...) ¹⁰¹

Mais tarde, já em 1955, Azinhal Abelho descreve como modelava outra antiga barrista, desta feita Ti Ana das Peles:

“Ajuda daqui, ajuda dali, lá foi perdendo o medo, lá foi vencendo dificuldades, e as suas mãos, de dedos alongados e jeitosos, amoldam com habilidade o barro, que vai arrancando, aos beliscos, em quantidades ajustadas. Para um braço, dois beliscos bastam. Coloca-se entre as mãos espalmadas, que esfrega com cuidado, fazendo uma torcida em que, numa extremidade, grava, com o pauzinho-ferramenta, quatro sulcos, que representam a mão.

O vestir dos bonecos é curioso. É-lhes talhada a indumentária como se fora um mortal. Com uma pá pequenina, como as usadas para ajeitar a manteiga, o barro é batido, espalmado, até formar placa de pouca espessura em que cortam a saia, que lhe vestem pela cabeça, apertam na cinta e compõem nos folhos. É que o boneco nasce nú em séries.

101 CHAVES, 1925, pp. 89.



Confeção de figura, fotografia de Hugo A. Guerreiro.



Sobre a tábua que tem no regaço, que faz de mesa de trabalho, o barro é rolado e cortado em cinco pedaços iguais, onde colam, duas a duas, as dez pernas anteriormente amanhadas. E ali ficam os troncos, com os respectivos membros inferiores, esperando o arranjo das cabeças e braços e mais dos vestidos¹⁰². (...)

No presente

Presentemente o modo de produção foi sendo adaptado em termos tecnológicos às inovações que foram surgindo, as quais mais à frente exporemos. Contudo, a modelação é igual ao que sempre foi, ou seja, a Figura continuou a ser confecionada por intermédio da união de diversas partes, como a bola, o rolo e a placa.

No Boneco de Estremoz a primeira parte a ser realizada é a base. Esta é feita por intermédio de um pedaço de barro espalmado por ação de uma palmatória. De seguida o artífice fura na placa no local da base onde vai assentar a Figura (de forma a este não rebentar durante a cozedura).

A próxima tarefa consiste em fazer o corpo da peça, por intermédio de um rolo grosso. Se é uma Figura feminina o barrista escava com uma faca

o fundo desse rolo de barro, por forma a realizar a saia. Com os dedos aperfeiçoa a saia e prepara o tronco do boneco.

Com uma bola de barro, e um molde faz-se a face e depois o pescoço (as faces são feitas, desde sempre, com recurso a molde, sem bem que hoje alguns barristas abdicuem destas fôrmas). Com um teco (palheta na gíria dos artesãos) risca-se o cabelo. Liga-se posteriormente esta peça ao tronco com barbutina (lamugem na gíria bonequeira). Coloca-se depois a Figura sobre a base, unindo as partes com a cola dos barristas – a barbutina. Passa-se para os braços. Estes são realizados por intermédio de um rolinho. Corta-se a extremidade que liga aos ombros. Faz-se a mão, espalmado-se a extremidade do braço menos grossa, e depois, através de um conjunto de incisões feitas com um teco, executam-se os dedinhos. Unem-se os braços ao tronco com barbutina. Colocam-se então os braços para a posição tradicional da Figura que se quer modelar.

De seguida, os barristas passam a vestir a peça, outra das formas de modelação identificativas e próprias de Estremoz. Assim, depois de estender um pedaço de barro com um rolo de madeira, corta o centro dessa mesma placa com navalha, fazendo as roupas que se pretendem. Veste-se então a Figura com o cuidado de deixar as roupas direitinhas. Deixa-se a Figura secar (durante a modelação convém deixar

102 ABELHO 1955, pp. 11.



Perpétua Sousa na fase da pintura de uma Primavera, 2016, fotografia de GAP.



Ricardo Fonseca a envernizar Figura, 2016, fotografia de GAP.

secar a peça durante as fases da união das várias partes). Vai a cozer à Mufla a 900° C. Se na cozedura a Figura sofreu empenos, ou se rachou, a peça é destruída. Se está conforme os padrões de qualidade do artífice, segue para a pintura. Pinta-se a Figura com têmperas, ou tinta de água, ou tinta plástica, misturados com cola branca de carpinteiro.

Sobre a pintura seca é colocado um verniz incolor para madeira, para acabamento final. A Figura fica pronta para venda.

Esta tipologia de modelação é comum a todos os artífices, salvo pequenas inovações muito localizadas e pessoais.

Quanto aos instrumentos normalmente usados no quotidiano produtivo dos barristas (salvo uma ou outra inovação), estes são os seguintes:

- **Arame:** Serve para cortar o barro, nomeadamente quando queremos retirar um pedaço de um bloco grosso. O arame serve também para ir fazendo furos na Figura, de modo a evitar que esta rebente na cozedura. Serve também para realizar partes de Figuras, como o arco da Primavera.
- **Faca/Navalha:** Serve essencialmente para escavar e cortar as placas de barro para fazer a roupa das Figuras;
- **Frascos:** Recipientes atualmente em vidro, ou plástico reciclado (frascos de iogurtes), onde têm

as tintas garridas com que pintam as Figuras, bem como água para ir molhando e lavando os pinceis. Há também um frasco com lamugem, para ir colando as peças ao longo da montagem;

- **“Mãos”:** O mais valioso instrumento de trabalho são as mãos. Com os dedos executa-se quase toda a Figura, modelando cabeça, tronco, membros e adereços vários que fazem a composição da Figura ou do Conjunto;

- **Mesa:** De variadas dimensões, os barristas executam o seu trabalho sobre uma mesa;

- **Molde da Face:** Os barristas tradicionais têm um molde que normalmente utilizam para os rostos das Figuras. Estas são mesmo uma das suas marcas de autor, sendo facilmente distinguíveis.

- **Mufla:** Forno moderno a eletricidade, utilizado para as barristas cozerem as Figuras a temperaturas de 900° C.

- **Palmatória:** para bater o barro e fazê-lo adquirir forma de placa;

- **Pano:** para ir limpando restos de barro e sujidade diversa que se vai fazendo na mesa.

- **Placa de Mármore:** Base na qual trabalham a maioria dos barristas, já que impede que o barro se cole;

- **Pinceis:** Utilizados na aplicação da lamugem para colagem e para pintura das Figuras. São também utilizados para colocação do verniz no acabamento da peça;



Tintas utilizadas na pintura do Figurado de Estremoz, na bancada de trabalho das Irmãs Flores.

- **Tecos:** Servem para retocar a face quando se utilizam moldes e para fazer pequenas incisões que aperfeiçoam o realismo da Figura e seus adereços.

Quanto ao contexto da produção, observamos que esta é efetuada em contexto oficial nos casos de Duarte Catela, Jorge da Conceição, Fátima Estroia, Irmãs Flores e Ricardo Fonseca. Há barristas, porém, que abdicam de uma oficina e optam por adaptar uma divisão da sua casa, caso de Isabel Pires.

No contexto da produção a família tem um papel muito relevante. Onde há mais de um barrista a trabalhar, caso Irmãs Flores (duas irmãs, mais um sobrinho), a produção é executada somente em contexto familiar. Em caso de necessidade, em virtude da abundância de serviço, as Irmãs Flores têm a ajuda de algumas senhoras para exclusivamente as auxiliar na pintura, nunca na modelação. Fátima Estroia também recorria no passado a mulheres para a pintura.

Presentemente, também Isabel Pires tem o auxílio da nora, nas diversas tarefas da confeção.

Diferenças entre a produção antiga e a presente

Será importante agora verificarmos que diferenças encontramos entre a produção de Figurado



Mufia elétrica onde as Figuras são cozidas a cerca de 900C°.

de Estremoz no presente e no passado, bem como o porquê dessas mesmas modificações:

- **Cozedura:** Abandonou-se o forno tradicional cujo combustível era lenha, passando-se para a Mufia a eletricidade. As causas para tal mudança, segundo os barristas são:

- Cozedura mais uniforme dos Bonecos;
- Menor perda por quebra durante a cozedura, porque a temperatura se mantém constante;
- a Mufia exige para a sua instalação e funcionamento um espaço reduzido e tem custos de funcionamento relativamente baixos;
- o funcionamento da Mufia exige menos trabalho, porque não necessita de monitorização constante como o forno a lenha, o qual amiúde tinha de receber mais combustível para manter a temperatura a 900° C.

- **Pintura:** Abandonaram-se as tintas naturais/minerais e artificiais, para as têmperas, tintas de água ou até plásticas. Para misturar nas tintas utilizam os barristas exclusivamente a cola branca de carpinteiro, em vez do tradicional grude e gema de ovo.

- **Acabamento:** Nos anos 60-70 do século XX, segundo testemunho das Irmãs Flores e Maria Luísa da Conceição, passaram-se a usar exclusivamente vernizes industriais para acabamento dos Bo-



Mãos de Maria Luísa da Conceição a modelar Figura, 2015, fotografia de GAP.



Duarte Catela na sua oficina ao Arco de Santarém, fotografia de Hugo A. Guerreiro, 2004.

necos (após a tinta ficar seca, aplica-se o verniz para brilho e fixar melhor os pigmentos). Esta solução era já utilizada, em vez da goma-laca, por Gertrudes Rosa Marques, a qual usava três tipos de vernizes: Verniz Cristal, Verniz Copal e Verniz de Espique, dando preferência ao segundo por mais rapidamente secar e ser mais económico¹⁰³. Utilizou também verniz de esmalte¹⁰⁴.

- **Matéria-Prima:** Mudança de barro retirado de barreiros locais, para barro comprado já pré-preparado. Esta alteração é hoje a regra. A partir dos anos 80¹⁰⁵ começou-se a impor este barro pré-preparado, pois permite dedicar mais tempo à produção de bonecos e evita que os barristas tenham de ter espaços próprios para preparar e armazenar grandes quantidades de barro. Para além disso, os barreiros que existiam à volta das muralhas, no antigo campo da Feira e na atual Zona Industrial, foram todos cimentados ou alcatroados. Como se observa, as mudanças simplificaram o modo de produção, reduziram a necessidade de

mão de obra, espaço e tempo destinado à produção do boneco. Isto significou aumento de lucro e qualidade de vida para o produtor.

Destino da produção: a comercialização

A finalidade última da produção de Figurado de Estremoz é a sua venda, para lucro dos produtores e manutenção da atividade.

Sobre as vendas, poucos dados concretos há anteriores ao século XX. Certamente que venderiam nas suas oficinas e também em feiras, tal e qual faziam os oleiros locais¹⁰⁶. Sabemos que em 1779 dois homens bonequeiros iam pelas “*feiras d’estes Reinos a vender corio-|zidades que faz de barro*”. Ou seja, depois de acumularem produção iam às feiras que se realizam por Portugal, comercializar o fruto do seu trabalho. Dado o elevado número de oficinas, a produção seria quantitativamente relevante, pelo que é de supor que na raia hispano-lusa também se vendessem Bonecos e até que os mesmos fossem comercializados para o Brasil colonial. Estas Figuras, das quais existem exemplares setecentistas e oitocentistas em Museu e cole-

103 CHAVES 1933, pp. 189.

104 CHAVES 1925, pp. 92.

105 Hoje todos os artesãos adquirem externamente o barro para produção dos Bonecos. As causas apontadas pelos barristas vão da falta de espaço nas suas oficinas para a preparação, à falta de barreiros de qualidade em Estremoz, para além de que o baixo custo da aquisição da matéria-prima não justifica o *tempo perdido* na sua extração e preparação. O Irmãos Ginjas foram mesmo os últimos a extrair e a preparar barro para a modelação.

106 Sobre esta temática do comércio de cerâmicas ver: GUERREIRO, Hugo, 2011, “Apontamentos sobre Faianças de Estremoz”, in *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Barcelos, Câmara Municipal de Barcelos, 2ª Série, n.º 4, pp. 90-95.